

ÍNDICE

Notas de Abertura -----	3
CAPÍTULO 1	
“Eles não sabem que o sonho / É tela, é cor, é pincel” -----	11
CAPÍTULO 2	
“Eles não sabem, nem sonham, / Que o sonho comanda a vida” -----	51
CAPÍTULO 3	
“Que sempre que um homem sonha / O mundo pula e avança” -----	73

FICHA TÉCNICA

Edição e Propriedade

Agrupamento de Escolas Sá de Miranda

Direção

Antonieta Silva

Coordenação

Cândida Batista; Cristina Alcoforado; Elisa Carvalho;

Gina Meleiro; Joaquim Almeida; Rosa Fernandes;

Raquel Duarte; Suzana Leite.

Conceção e direção gráfica

Luís Cristóvam

CapaPormenor de “Mistério e melancolia de uma rua”,
1914, Giorgio de Chirico**Tiragem**

500 exemplares

Execução Gráfica

Diário do Minho ??????????????????????????????

Data

Maio de 2017

ISSN

2183-5225 ??????????????????????????????

Depósito legal

391562/15 ??????????????????????????????

Patrocínio

 The logo for dstgroup, with 'dst' in a bold, lowercase, sans-serif font and 'group' in a regular, lowercase, sans-serif font, both in black.

Trajétórias é o nome da revista do Agrupamento de Escolas Sá de Miranda, de periodicidade anual. *Trajétórias* aponta para diferentes caminhos, que vão de encontro à perspetiva de pluralidade presente no projeto educativo deste Agrupamento, que já conta com quatro anos de existência. Esta revista foi criada com o intuito de fomentar na comunidade educativa a reflexão e a produção de trabalhos em torno de um tema específico, diferente de ano para ano. Nela são convidados a participar alunos de todos os níveis e ciclos de ensino, professores e outros convidados da nossa comunidade educativa.

O tema da *Trajétórias* deste ano é O SONHO.

Sonho, visto pelo lado da gastronomia, é um pequeno bolo fofo frito, polvilhado com açúcar e canela ou passado por calda de açúcar, iguaria presente na mesa de Natal de muitas famílias portuguesas.

Na perspetiva da comunidade científica, o sonho é o conjunto de ideias e de imagens que ocorrem durante o sono. Para Sigmund Freud, famoso médico neurologista e “pai da psicanálise”, o sonho é o guardião do sono.

Mas não é só a dormir que se sonha, também se sonha acordado. Por isso, sonho tem ainda outro significado e é este outro significado que mais inspira poetas e es-

critores. Sobre estes sonhos muito há a dizer. Sonho como fantasia, utopia, esperança, ânsia de realização, perspetiva de novos mundos,... Porque todos sonhamos! Desde a criança da mais tenra idade, que sonha subir ao céu para tocar nas estrelas, até aos que já percorrem o ciclo da vida há longos anos. Mesmo aqueles onde desilusões e agruras se acumulam nas suas vivências não deixam de sonhar, porque sonhar está inerente ao facto de sermos seres humanos.

Muitos elementos da nossa comunidade escolar transmitiram os seus sonhos para folhas de papel, na forma de poesia, de texto ou de desenho. Uma caixa de sonhos, com os sonhos de muitos, constitui esta *Trajétórias*. E todos vamos continuar a sonhar!

Uma palavra de agradecimento a todos os que aceitaram o desafio de produzir os textos e os trabalhos que aqui se reproduzem. Uma palavra de reconhecimento especial ao trabalho desenvolvido pela equipa que há três anos abraçou este projeto e que ano após ano continua a disponibilizar muito do seu tempo individual para nos honrar com a produção de um novo número da revista *Trajétórias* do Agrupamento de Escolas Sá de Miranda.

NOTA DE ABERTURA

Antonieta Silva *

* Diretora do Agrupamento de Escolas Sá de Miranda

NOTA DE ABERTURA

A Equipa Coordenadora

Neste número da Revista *Trajétórias*, tentámos abordar o Sonho nas suas infinitas e insondáveis manifestações como móbil da ação humana rumo à perfeição almejada. Assim, resolvemos organizá-la em quatro capítulos, intitulado cada um deles com um excerto do poema *Pedra Filosofal* de António Gedeão:

Capítulo 1

“Eles não sabem que o sonho / É tela, é cor, é pincel”

Neste capítulo, apresentamos os trabalhos realizados pelos mais novos.

Capítulo 2

“Eles não sabem, nem sonham, / Que o sonho comanda a vida,”

Neste capítulo, será abordado O Sonho nas suas diferentes aceções pelos mais jovens.

Capítulo 3

“Que sempre que um homem sonha / O mundo pula e avança”

Neste capítulo, estarão patentes textos que abordem o sonho na perspetiva dos adultos.

Capítulo 4

“Eles não sabem que o sonho/ é uma constante da vida”

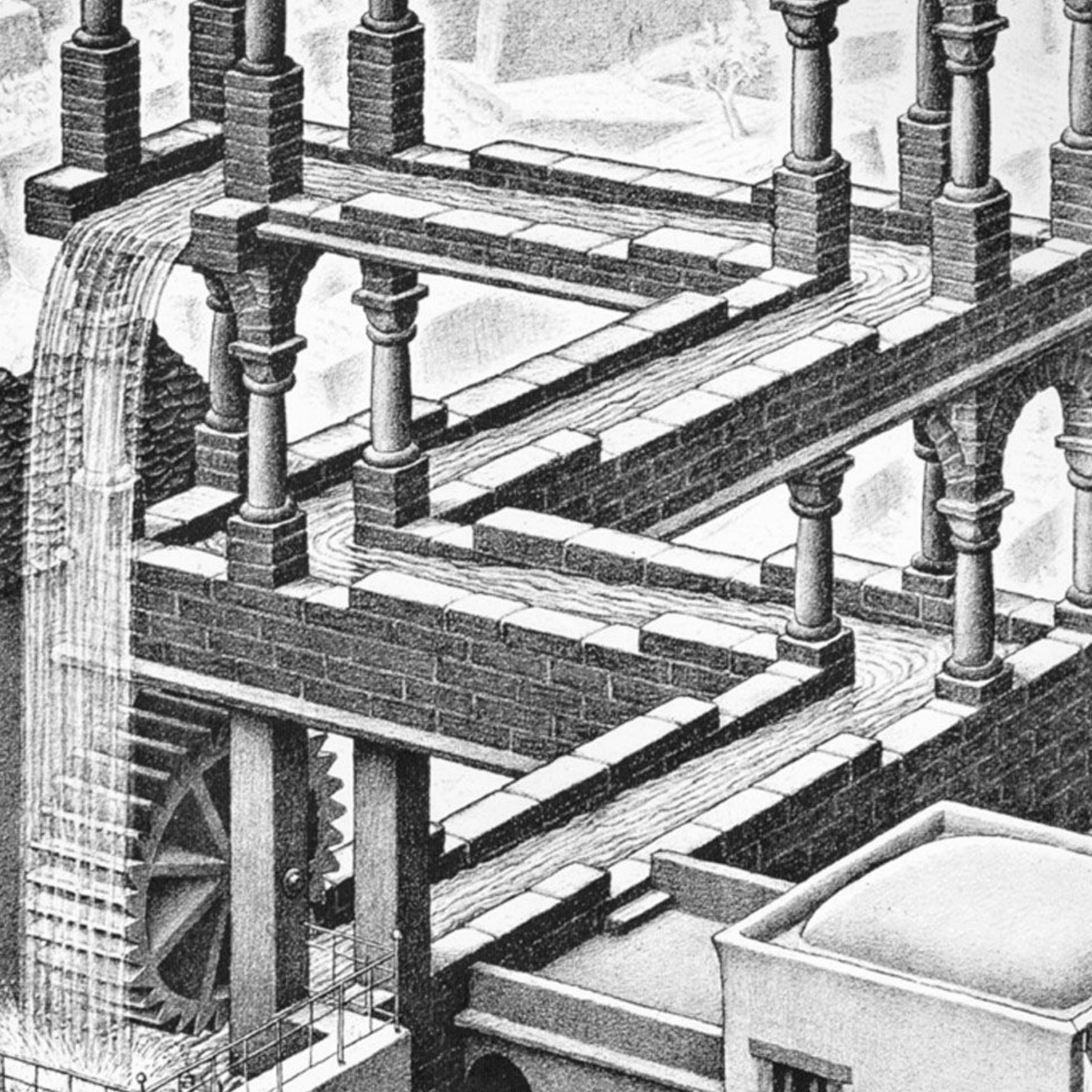
Neste capítulo, apresentamos as atividades referentes à Comemoração dos 180 anos da Escola Sá de Miranda

No dia-a-dia, deparamo-nos com sucessos e insucessos. Sucesso, quando pensamos que conseguimos desenvolver as destrezas dos nossos alunos e acreditamos que eles vão progredir e conseguir sucesso existencial. Insucesso, quando não

conseguimos ou pensamos não conseguir passar a mensagem, construir novos mundos... Mas “Como cavaleiros andantes” num processo incessante de viver e aprender, e perseguir o Sonho, continuaremos a orientar-nos movidos pela fé no que temos, na esperança do que poderemos alcançar e na entrega total no sentido de construir uma vida baseada no processo de procura constante de algo desejado, sonhado, esperado, imaginado, com vista à superação do próprio ser, construindo, deste modo, diário, e incessantemente um Ser fenomenológico, ontológico, ético “superior”. “Chegamos? Não chegamos?” Não sabemos!... Mas... “partimos” mesmo com a noção de que não há um caminho definido pois, como afirma António Machado, “Caminhante, não há caminho, / faz-se caminho ao andar.”

Assim sendo, partimos de novo rumo à Realização Plena, convictos de que a Essência está no Sonho!

O Sonho A Utopia A Vida



Sonho trabalhado

José Teixeira *

Sonhamos desde que somos gerados. O sonho faz parte da nossa genética e quando dormimos temos sonhos que não desejamos ou como defendia o mágico dos sonhos, Sigmund Freud, os sonhos sonhados, quando dormimos, são desejos que reprimimos quando estamos acordados. Mas se não dominamos, se não desejamos os sonhos que sonhamos no sono, já nos sonhos que temos acordados temos absoluto controlo no que desejamos. Podemos desejar muito ou muito pouquinho, e os nossos desejos darão lugar a sonhos pequenos ou sonhos de campeão. O sonho não depende da cor da pele, da filiação partidária ou da religião, da pobreza ou da riqueza. Os sonhos são uma espécie de cumulo da democracia. Quem deseja muito e deseja muitas vezes, às vezes alcança, e quem sonha pequeno e sonha poucas vezes dificilmente ganha aos sonhos com os loucos construtores de sonhos. O resultado depende da quantidade, da dimensão e da afetação dos recursos emocionais para cumprir com os nossos sonhos. Os sonhos, as coisas que desejamos e que sonhamos ter precisam de trabalho. Até para ganhar

um prémio numa raspadinha ou no Euromilhões temos de fazer uma coisa, temos de comprar, temos de ir a jogo. Se sonhamos com determinado futuro, temos de criar um ambiente para que esse futuro tenha acolhimento facilitado, temos de nos colocar de feição a esse vento se queremos chegar do ponto A ao ponto B, e temos de ser movidos a vento. Temos de saber mais algumas coisas de náutica, de marés e de ventos, e temos de saber de embarcações e de velas, e de saber ler as estrelas, e ler uma bússola mesmo na era das coisas digitais.

No passado em que Portugal foi o Pioneiro da Globalização, título de um livro escrito por Jorge Nascimento Rodrigues e Tessaleno Devezas, os portugueses dos descobrimentos descobriram «a volta pelo largo, que consistia em dirigir as caravelas para o alto mar e descobrir as correntes para leste do atlântico Norte para navegar com ventos favoráveis». Pois. Foi um período muito difícil, em que se sonhou muito e grande. Temos de conhecer a fundo as coisas básicas, que é o mesmo que escrever que temos de ter uma vontade grande pelo conhecimento e que temos de trabalhar muito para conhecer o que nos permitirá chegar a B, chegar ao desejo intensamente sonhado e intensamente esperado.

A esperança é importante, mas não chega e não resulta se a tomarmos, apenas, como técnica para a resolução de problemas. Pelo contrário, estarmos bem onde não

* Presidente da dstgroup

estamos, como cantava António Variações, resulta quase sempre. A Naifa, grupo português, também canta: «esta depressão que me anima», ao invés de invocar as dificuldades para desistir e deprimir. Marx escreveu: «A situação desesperada da época em que vivemos enche-me de esperança», em lugar de desistir perante a adversidade, como cantam os Deolinda: “vão sem mim que eu vou lá ter”.

Vivermos com coragem e na consciência de que o que não sabemos é o mais importante. A parte dos livros que não lemos é a parte da biblioteca que mais nos seduz, como escrevia Umberto Eco no seu registo sobre a importância da biblioteca e da anti biblioteca, sobre a importância do que sabia e do que não sabia.

Nesta democracia de sonhos dependemos mais de nós do que de contextos externos. Nesta democracia dos sonhos não podemos não ter sonhos e menos faltar ao sonho, como escreveu Bernardo Soares: «Alguns têm na vida um grande sonho. Outros não têm na vida nenhum sonho, e faltam a esse também».

Claro que vivermos num lugar inclusivo, em lugar de um lugar extrativo, influencia. Vivermos numa cidade e num país democrata influencia mais do que a cultura ou a geografia, como defenderam Daron Acemoglu e James A. Robinson no excelente livro Porque Falham as Nações.

Os sonhos (também) precisam de ser praticados e perseguidos com disciplina popperiana, no sentido de que são

alimentados de perguntas constantes e de dúvidas permanentes, como defendia o filósofo Karl Raimund Popper, no conceito de sociedade aberta - «uma sociedade que usa o ceticismo como seu modus operandi, recusando e resistindo a verdades definitivas»-, ou ainda no seu método de conjeturas e refutações como forma de avançar para a resolução de problemas que facilitem a vida.

Sim, os sonhos precisam de ser alimentados e de muito trabalho. Construir sonhos e atingir metas depende de ligarmos um interruptor que nos liga a estas outras galáxias onde somos sempre tão únicos e autênticos como a nossa impressão digital. Os sonhos têm uma outra grande vantagem: a suprema liberdade, pois ninguém manda nos nossos sonhos e, mesmo em momentos de grande pressão externa, mantemo-nos proprietários plenos deste património tal qual na metáfora de Cervantes, no livro absoluto Dom Quixote. A história é curta, mas intensa, definitiva e simbólica. A um menino estava a ser ordenada a execução de coisa que ele insistentemente recusava. Com o andar da narrativa, Sancho “pega” o menino pelas orelhas e diz-lhe que se não fizer o que se lhe solicita vai dormir à prisão. O menino responde que poderá ser obrigado a entrar na prisão, mas a dormir não, que é o mesmo que dizer que ninguém tem o poder de mandar nos nossos sonhos e menos de os governar.

O dever de cada um de nós é não desperdiçar essa arma individual e

superlativamente poderosa de sonhar acordado, desejar muito, mas trabalhar para fazer o sonho acontecer, para o desejo passar de esperança a realidade. Muitas vezes, muitos de nós matamos os sonhos pelas razões mais insondáveis e culpamos o porteiro pelos obstáculos, quando somos os únicos guardiões da chave. Todos temos razões, as nossas razões, às quais nos ancoramos quando não queremos partir para o desconhecido. Somos defensivamente criativos quando nos apoucamos para adiar o trabalho e a disciplina, que nos guiarão por estradas nunca antes percorridas. Teremos, quanto quisermos, razões para nos pouparmos ao esforço de inovar, que é a mesma coisa que não praticarmos a imaginação, prendendo-a a cadeados de ignorância e de cobardia, cometendo o suicídio do mais precioso que temos. É a família, a pobreza, o padre, o tempo frio e o tempo quente, os amigos e os vizinhos, o governo da cidade e da república, a saúde e o sistema de saúde, o professor e o gap geracional, tudo serve para ficarmos quietos à espera que a refeição saia servida com os ingredientes previsíveis, em lugar de sermos nós os cozinheiros experimentadores de todos os sabores.

Nunca sonhamos quanto devemos. O sonho é um processo em construção: quando realizado, logo queremos desafio maior.

Podia falar de mim se o meu caso fosse extraordinário, mas não é.

Nunca cozinhei os sonhos que deveria. Tenho de começar mais vezes mais sonhos para ter mais momentos felizes e fazer felizes quantos conseguir. Continuo a fazer contratos entre a parte esquerda do meu cérebro e a parte direita. Uma parte, a criativa, a imaginativa e mais intuitiva, lança ideias para a outra executar, a parte racional, lógica, disciplinada e metódica, e são tantas e a tanta velocidade que tenho de desligar os semáforos do meu cérebro e substituí-los por um sinalizador para os fazer avançar sem atrapalhar o tráfego.

Só falo de mim para vos falar de relatividade. Fui um trabalhador infantil. Com seis anos, parti pedra que se vendia em gamelas de chapa zincada e magoava, profundamente, os ossos dos ombros dos meus seis anos. Dei ao fole numa forja, para o carvão de pedra ser fogo e vencer o aço que a partia. Fui quase sempre fogo, e o vento que o fole tocava atiçava o carvão de pedra, que fazia cada vez mais fogo cada vez mais abrasivo; mas se, pelo contrário, fosse vela, o vento que fazia o meu fole apagava a vela que seria.

Vivemos, com o meu pai emigrado a partir pedra em França, seis pessoas num espaço de dezasseis metros quadrados, sem água canalizada (a água estava a cento e cinquenta metros num fontanário público e era por nós carregada em cântaros azuis, muito pesados para a idade), sem casa de banho ou sequer retreta, e sem saneamento básico. A máquina de lavar roupa ficava a duzentos metros do local onde vivíamos e era

uma poça com lavadouros improvisados. Quando os sapatos de sempre perdiam a sola, forrava-os pelo interior com cartão, assim, os sapatos de sempre, ganhavam mais uns dias e a seguir outros. Quando as calças de cotim rompiam pelos joelhos ou pelo rabo, levavam remendos que lhes prolongavam a vida.

A miséria sem sonho tem um poder de fixação absoluto e serve todas as medidas do fato, ou do vestido, dos argumentos que fundam a desistência e o não querer.

O grande sonho da minha vida foi fugir daquela miséria, e muito cedo descobri nos livros muito mundo para além do mundo em que vivia, descobri caminhos que me permitiam construir as personagens que bem entendia, com as funções que idealizava; e, de tanto insistir e imaginar em ser o que não era, criei um ambiente para que algo de surpreendente, para mim, acontecesse.

No meu tempo, da vossa idade, o tempo nesta escola tinha coisas em que não era muito diferente deste vosso tempo. No meu caso, passei nesta escola grande parte das férias da minha meninice e de jovem. No meu tempo (que faço força para ser diferente do vosso tempo, neste aspeto), quando terminavam as aulas começava o trabalho e quando começavam as aulas começavam as férias.

A vida sempre foi dura. A vida sempre será dura para quem quiser vencer.

Sonhem. Leiam muito. Lutem. Trabalhem.

Resistam. Não desistam.

Eu continuo a sonhar e a cozinhar novos sonhos à procura de novos sabores de amor e sempre de mais liberdade.



ELES NÃO SABEM QUE O SONHO
É TELA, É COR, É PINCEL

O QUE É O SONHO?

Crianças da educação pré-escolar da EB de Dume

Crianças da educação pré-escolar da EB de Crespos

Jardim-de-infância de Adaúfe



A questão “O que é o Sonho?” percorreu transversalmente os projetos desenvolvidos, até ao presente momento. Levou a criança a refletir e a partilhar as perspetivas pessoais, bem como, a conhecer e compreender o que é o sonho na perspetiva dos outros. Conseguem, agora, distinguir que “há o sonho que temos a dormir e os sonho daquilo que desejamos, para nós ou para os outros”. A dormir “quando o sonho é mau chama-se pesadelo e temos medo”. O tema impulsionou pesquisas, aprendizagens e envolveu as famílias em diversas iniciativas.

PARA A CRIANÇA SONHO É:

A mãe e o pai e o Pedro e o João e a Francisca e os cães a ladrar. Eu sonho brincar.

(Afonso)

A dança e fazer exercício. Sonho ser professora de crianças e bailarina.

(Carolina Sousa)

Eu não sei o que é.

(Carolina P.)

São bruxas, são más e têm uma panela grande para cozinharem. Também sonho com coisas boas, coelhos sapos, esquilos, pássaros. Eu sonho que vou ser cozinheira.

(Carolina S.)

Eu acho que o sonho é bonito. Eu sonho que estou a passear com a minha mãe a ir ao parque e sonho que estou a brincar com a minha cadela.

(Eva)

É bonito. É o pai e também é a avó e o avô e a tia e as minhas primas. Eu sonho com a Nádía.

(Fabiana)

Fazer ginástica e também quando for grande ser cabeleireira. Para mim, às vezes, o sonho é como que eu estivesse a dormir.

(Francisca)

O sonho para mim é fantasia e também quando o pai nos dá brinquedos e joga comigo à bola. Sonho também no jardim. Sonho ser professor.

(Gabriel)

Parece que estou a dançar, a cantar e também a ser fada.

(Joana)

Para mim o sonho é quando eu estou a dormir e o sonho é eu a estar no meu jardim, na piscina, depois a mãe chama-me para ir para a cama e depois vou para o quarto dela.

(Lara)

Eu a dormir. Sonho com os meus bonecos e brinco. Sonho com o meu pai e a minha mãe.

(Leonor)

Quando for grande quero ser médica. Os meus sonhos são bonitos, aparecem coisas bonitas, pequeninas como as pulseiras.

(Letícia)

São princesas, a minha família, eu na floresta a fazer um piquenique com a minha família toda.

(Luísa)

São borboletas, flores e ginástica.

(Margarida)

É uma coisa má porque é triste.

(Matilde)

É fazer coisas, cantar, tocar piano, fazer pintura, trabalhos, pintar e escrever.

Sonho com a mãe e o pai e com a avó. Eu sonho ser bonita.

(Matilde S.)

É muito feliz sonhar, também sonho ser mecânico. Sonho com coisas bonitas.

Sonho que estou na minha casa, lá fora, a trabalhar.

(Pedro)

Eu gosto de todos porque os meus amigos são todos meus amigos. Eu sonho com o pai, a mãe e a Luísa. Eu quero ser médica.

(Rafaela)



O MEU SONHO DE NATAL É:

O meu sonho de Natal é ter alegria e comer aletria.

(Luísa)

Que os meninos ficassem calados.

(Eva)

Que os meus irmãos brincassem comigo.

(Afonso)

Dar os parabéns ao Menino Jesus.

(Rafaela)

Que toda a gente tenha os desejos de Natal.

(Matilde)

Que o Menino Jesus receba um coração.

(Carolina P.)

Muitos beijinhos para o Menino Jesus

(Fabiana)

Festejar com os Amigos.

(Letícia)

Uma mesa com brinquedos.

(Matilde S.)

Que aparecesse uma varinha mágica em minha casa.

(Maria)

Ter a minha família toda na minha casa.
(Francisca)

Que o natal fosse feliz e o Pai Natal fosse a minha casa.

(Lara)

Felicidade para todas as pessoas.

(Pedro)

Toda a gente tenha carinho, até o Menino Jesus.

(Carolina)

Que toda a gente tenha roupa.

(Joana)

Que a minha família seja muito feliz.

(Margarida)

Ter muitas pessoas em minha casa.

(Carolina S.)

Que a minha Mãe e o meu Pai me recebam sempre bem.

(Gabriel)

Que aparecesse neve na minha casa.

(Leonor)

PARA OS PAIS SONHO É:

É uma experiência da imaginação durante o nosso sono.

(Pais da Lara)

É acreditar em coisas boas e bonitas.

(Pais da Joana)

É uma coisa muito boa e também coisa má.

(Pais da Eva)

É quando nós podemos fazer tudo o que nos apetece e sentirmos felizes.

(Pais do Pedro)

O futuro pertence àqueles que acreditam na beleza dos seus sonhos.

(Pais da Carolina)

Termos o poder na nossa mente de podermos ir mais além. Isto é, podermos sonhar o que nós queremos e desejamos.

(Pais da Francisca)

São os nossos desejos para o futuro.

(Pais da Luísa)

Sonhar é fazer planos. Viver é ter coragem de realizá-los.

(Pais da Carolina S.)

São ideias e imagens da nossa imaginação durante o sono.

(Pais da Leonor)

Quando estamos a dormir e sonhamos coisas bonitas enquanto estamos a dormir.

(Pais da Matilde S.)

Evitar os medos, aquilo que não queremos.

(Pais da Rafaela)

É um conjunto de imagens e de ideias que se manifesta durante o sono e a nossa imaginação, fruto dos nossos sonhos.

(Pais da Maria)

É irmos mais além. No sonho tudo é possível. Podemos ser o que quisermos.

Sonhar é muito bom.

(Pais do Gabriel)

É muito bom. É irmos aonde, às vezes, não é possível de outra maneira, só mesmo em sonhos. Nos sonhos podemos ser o que quisermos. (Pais da Margarida)

São ideias e imagens que se apresentam ao espírito durante o sono ou mesmo acordado.

(Pais da Fabiana)

É toda a nossa imaginação.

(Pais da Matilde)

É o que acontece quando estamos a dormir e onde podemos ver coisas bonitas e acontecem coisas boas.

(Pais da Letícia)

É uma motivação para a realização daquilo que ambicionamos.

(Pais do Afonso)

**O QUE SONHA
PARA O SEU FILHO/SUA FILHA?**

Que a minha filha seja feliz ao lado das pessoas que a amam.

(Pais da Lara)

Que cresça forte e saudável. Que consiga realizar todos os seus sonhos e que tenha um futuro brilhante.

(Pais da Joana)

Que cresça com saúde sendo feliz e que realize os seus sonhos.

(Pais da Eva)

Que o meu filho vai crescer e tornar-se um homem bom, feliz e nunca lhe falte nada.

(Pais do Pedro)

Desejo que tenha coragem para viver os sonhos em que acredita.

(Pais da Carolina)

Que eles tenham muita saúde e sejam muito felizes para toda a vida.

(Pais da Francisca)

Que ela seja feliz, que realize os seus sonhos e que a vida lhe sorria!

(Pais da Luísa)

Nunca desista das coisas que a fazem sorrir.

(Pais da Carolina S.)

Uma vida com muita felicidade e que seja bem-sucedida na sua vida.

(Pais da Leonor)

Que ela tenha um futuro com muito sucesso, amor, saúde, alegria junto das pessoas que ela ama.

(Pais da Matilde S.)

Que seja feliz!

(Pais da Rafaela)

Que seja uma menina educada, trabalhadora e muito feliz. Que ao longo dos anos consiga alcançar os seus objetivos tendo por base a educação que lhe demos.

(Pais da Maria)

Que ele seja uma criança feliz, alegre, brincalhão e muito amigo do seu amigo, mas acima de tudo que seja feliz.

(Pais do Gabriel)

Acima de tudo é que seja feliz, muito amiga do próximo e que faça sempre o bem, mas acima de tudo que se sinta realizada.

(Pais da Margarida)

Que a minha filha seja feliz.

(Pais da Fabiana)

Que seja sempre muito feliz.

(Pais da Matilde)

É uma vida muito feliz, com muita saúde e que todos os sonhos dela se realizem.

(Pais da Letícia)

Um futuro promissor, na escola, no trabalho e família.

(Pais do Afonso)





Os sonhos têm cor?

De que cor é o Sonho?

De todas as cores porque o Sonho é bonito, mas eu só tenho pesadelos
(Luísa)

É cor-de-rosa porque eu gosto do cor-de-rosa.
(Carolina P.)

É azul porque é bonito e é a cor do céu e do mar.
(Pedro)

É amarelo porque é a cor do sol e também das flores. Eu sonho com o amarelo
(Matilde)

São de, quase, todas as cores! Porque os sonhos são bonitos e também os sonhos podem ter cores que cada pessoa gosta.
(Francisca)

São pretos porque quando dormimos está tudo escuro!
(Rafaela)

São amarelos porque a cor do sonho é amarela, porque o sol é amarelo e o sol é que faz ter sonhos.
(Maria)

É azul porque eu gosto do azul. É bonito e é feliz.
(Fabiana)

É verde, porque eu gosto da cor verde. A cor verde é a minha preferida.
(Gabriel)

É de todas as cores, porque os meninos sonham de muitas cores.
(Afonso)

É amarelo porque é a minha cor preferida.
(Eva)

É branco e também azul e também verde e cor-de-rosa. Porque o branco é a cor do dia, o azul é do arco-íris e do céu, o verde é da relva e o cor-de-rosa também é do arco-íris.
(Margarida)

Acho que é azul porque o azul é a cor do céu porque eu quando sonho parece que estou no céu.
(Joana)

É vermelho porque eu sonho com brinquedos e são vermelhos.
(Leonor)

É lilás porque sempre que estamos a dormir, às vezes, temos um sonho e é lilás e tem muitos brilhos que é feliz.
(Lara)

É preto porque eu às vezes estou a dormir e está tudo de noite e é preto.
(Matilde)



Qual será o maior sonho dos Piratas?

Encontrar um tesouro.
(Carolina, Gabriel, Margarida)

Ter um barco.
(Matilde)

Encontrar joias e anéis.
(Francisca)

Ter um gancho.
(Carolina P.)

Ter uma espada.
(Fabiana)

Ser rico.
(Luísa)

Ter vestido um fato de pirata.
(Afonso)

Ter remos para navegar.
(Eva)

Encontrar moedas de ouro.
(Lara)

Ter chapéu de pirata.
(Joana)

Ter muitos tesouros.
(Pedro)

Ter botas de cunha com fivela.
(Rafaela)

Ter um papagaio para falar.
(Maria)

É bom sonhar com Piratas? Sim!

Eles têm uma espada e pala e lutam. (Eva)

Eles não são assim tão maus. Eles lutam quando atacam o seu barco e eles lutam com as espadas.

(Francisca)

Eles não são tão amigos como pensam, mas quando recebem um papagaio ficam bons. Quando atacam os seus papagaios, eles atacam os barcos dos outros piratas. Depois até ficam todos amigos.

(Luísa)

Nos sonhos os piratas não assustam as pessoas. Eles não lutam com as pessoas a sonhar.

(Rafaela)

Eles não atacam as pessoas felizes.

(Joana)

Eles têm muitos tesouros e, às vezes, até os encontram numas ilhas, mas eu nunca sonhei onde está o tesouro.

(Pedro)

É fixe porque têm um barco para viajar até muito longe.

(Carolina P.)

É muito divertido e eles fazem muitas aventuras.

(Gabriel)

Dá para procurar tesouros no fundo do mar.

(Fabiana)

Eles têm espada e têm lenço e também têm perna de pau e andam sempre no barco.

(Margarida)

É bom sonhar com Piratas? Não!

Eles têm espadas e fazem mal.

(Afonso)

Eles têm espadas que cortam coisas e tenho medo que também me cortem.

(Lara)

Os papagaios deles não têm comida.

(Maria)



O SONHO

Crianças da educação
pré-escolar da EB de
Presa, Adaúfe

Introdução

O presente trabalho e a obra em curso, refletem a temática “Sonhar / O Sonho” no âmbito do desafio lançado às crianças.

Embora aos olhos do adulto a leitura do tema transparecesse algo misterioso para a compreensão de crianças tão pequenas, a exploração, o desenvolvimento e a descoberta do que é o “Sonho” revelou o quanto na sua simplicidade, as crianças são capazes de interpretar e dar cor ao Sonho e ao que é Sonhar no seu universo próximo!

Sejamos também nós capazes de as ouvir!

...

“O sonho é imaginar coisas!”

Leonor (3 anos)

“Para mim sonhar é ter brinquedos, é o que sentimos no coração!”

Vicente (4 anos)

“Não sei...é dormir com os olhos abertos!”

Diogo (3 anos)

“Sonhar é ser polícia...é ser uma coisa que gostamos!”

Diego (4 anos)

“O sonho é imaginar o que nós gostamos muito”

Francisca (4 anos)

“É dormir. É imaginar coisas boas”

Rodrigo (4 anos)

“Sonhar é imaginar muito a nossa vida! É ver coisas bonitas!”

Renato (5 anos)

“Eu sonho acordada! Sonho que estou a brincar porque gosto muito!”

Carolina (5 anos)

“Sonhar é imaginar ou desejar coisas que gostamos! É ser um carro de bombeiro!”

Gabriel (5 anos)

“Sonhar é quando estou a dormir!”

Gabriel Barbosa (3 anos)

“Sonhar é fantástico! Porque sonhamos coisas bonitas que gostamos que aconteçam!”

Francisco (5 anos)

“Sonhar é pensar em coisas bonitas!” -

Maria Machado (4 anos)

“Sonhar é passear os cães, porque gosto muito! É fazer o que gostamos!”

Martim (4 anos)

“Sonhar é pensar. O sonho é um segredo para eu sonhar sempre!”

Marco (5 anos)

“Sonhar é imaginar coisas que gostamos e quando formos grandes fazer com que essas coisas aconteçam!”

Adriana (5 anos)

“Sonhar é imaginar! O sonho pode ter muitas cores!”

Jorge Nuno (4 anos)

“Sonhar é colorir o que nós desejamos! É dar cores bonitas ao que gostamos!”

Mara Lia (5 anos)

“O sonho é um arco-íris”

Maria Simão (5 anos)

“Sonhar é bom, porque sonho com coisas que gostava de ter!”

Pedro (4 anos)

Em forma de conclusão, constatamos que na generalidade das conceções das crianças o “Sonho” é algo de bom, algo que desejam e que projetam vivenciar no futuro!

SONHO

Crianças do Grupo 1 da educação pré-escolar da
EB da Bracara Augusta

“É um coração. É ser amigo de toda a gente. É passear com a mãe e com o pai. É brincar com os amigos da escola. Estar com a família toda.”

Estrela (5 anos)

“Sonho com filmes. Ver coisas. É uma flor. Descobrir palavras e tentar ler as palavras. Falar sobre a amizade.”

Filipa (5 anos)

“É contar ovelhas. Pensar que está de dia com uma pessoa. Acarinhar. É dizer palavras bonitas e também é cuidar bem dos animais. Pode ser tratar bem dos materiais. Hoje sonhei que o meu pai me estava a dar um abraço.”

Hazael (4 anos)

“É dar abraços. Dar carinho. É dar beijinhos.”

Clara (4 anos)

“Sonho com filmes e monstros. Eu não vejo, só que isso aparece.”

Eduardo (4 anos)

“É acordar, acordar cedo. Ver bonecos. Dormir mais”

Gonçalo (4 anos)

“Dar beijinhos à mãe. Passear. Andar de carro. Ir à neve e às compras”

Sofia Faria (4 anos)

“Dar flores à minha mãe, dar muitos beijinhos ao meu pai. Dar carinho. Eu sonho que brinco com as minhas bonecas.”

Sofia Peixoto (4 anos)

“É o meu pai, porque eu gosto muito dele.

Às vezes sonho para vir para a escola e é bom.

Também é os amigos, o sonho é uma coisa boa. O sonho é uma ovelha”

João Pedro (5 anos)

“É dar amor. É dar um abraço aos nossos amigos. Sonho com uma boneca. Gosto de sonhar.”

Mafalda (4 anos)

“Sonhar é luta...,mas é a dormir.”

Camila (5 anos)

“Eu não sei o que é. Eu tenho sonhos maus. Às vezes sonho com aranhas. Eu tenho uma varinha mágica de verdade. Um sonho é guerra. Também é dragões, cavaleiros, fantasmas e monstros. Os sonhos são maus. Eu sonho com aviões... bruxas. Eu só sonho a dormir. Quando acordo fico com medo e também sonho com dinossauros.”

Pedro (4 anos)

“É sonhar com princesas. Sonhar é pensar. Penso em bruxas, mas estou a dormir. Ser criativa.

Brincar com os amigos. E faço caldeirões com as bruxas.”

Leonor (5 anos)

“Sonhar é um sonho. É uma pessoa... trabalha. Eu sonho com pessoas.”

Guilherme (4 anos)

“Um balão, porque eu sonho com balões. Os sonhos são bons.”

Lara (4 anos)

“Gosto de sonhar, sonho com reis e macacos. Para mim é ser rei... macaco.

Quando estamos na cama sonhamos. Os sonhos são bons.”

Rodrigo (4 anos)

“Quando o pensamento está a dormir, ele tem um sonho”

Simão (5 anos)

“É acordar as pessoas.”

Guilherme (4 anos)

O SONHO É...

Crianças do Grupo 2 da educação pré-escolar da EB da Bracara Augusta

“...quando nós estamos a dormir e a ver coisas...”

(Guilherme)

“...tem de se pensar em coisas que nós gostamos muito...”

(Agostinho)

“...é pensar na cabeça, no cérebro...”

(Miguel)

“...é uma coisa boa e bonita...”

(Leonor Mouta)

“...é só pensar...em coisas...”

(Guilherme)

“...se virmos um filme de pistolas sonhamos...”

(Matilde)

“...sonhar com princesas...”

(Benedita)

“...um desejo!”

(Guilherme)

“...por isso pode-se sonhar acordados.”

(Guilherme)

Como representáramos O SONHO?

“... tipo um balão ou uma nuvem...” “... um anjinho...”

(Guilherme)

“...um homem com asas...”

(Miguel)

“...uma nuvem...de verão, é mais quentinha por causa do sol!”

(Agostinho)

Crianças da educação pré-escolar da EB de Pousada

“O sonho é quando pensamos em
coisas com os olhos fechados...
Sonhar é muito bom!”

Frase selecionada em grande grupo pelas crianças

Pense como um adulto,
 Viva como um jovem,
 Aconselhe como um ancião
 E nunca deixe de SONHAR
 Como uma Criança!

OS NOSSOS SONHOS!...

Crianças da educação pré-escolar da
 EB de Coucinheiro



Os meninos falaram sobre os seus sonhos depois de ouvirem um poema de Cecília Meireles “A Canção” e um conto de António Torrado “Há coisas assim”. Os sonhos da noite na cama: uns com fantasmas, outros com fadas, ..., todos participaram e quiseram contar os seus sonhos. Mas hoje foi um dia especial, dia em que a Ariana veio à escola passar a tarde connosco, à semelhança do que já tem acontecido algumas vezes, sempre que os seus tratamentos correm bem no I.P.O., em que contou que o seu maior sonho era

ir à EURODISNEY em Paris, no dia do seu aniversário. Depois de a ouvirem, todos começaram a ver o sonho de outra perspetiva e começaram a dizer aquilo que mais gostariam de realizar: uns queriam estar com o CR7, outros andar de barco, de avião e de comboio..., e cada sonho foi depois “concretizado”, por cada um, em forma de desenho “OS SEUS SONHOS...”

Jardim-de-infância de Santa Lucrécia



Todos os dias, no nosso espaço escolar tentamos aprender formas, ainda que mágicas, de podermos concretizar os nossos desejos, na verdade, os nossos SONHOS de meninos. Não conseguimos pedir pouco, é difícil esse exercício de abstração e pedimos tudo, tudo o que queríamos mesmo ter, alcançar! Parece tão simples e “obstáculo” é uma palavra proibida nos nossos pensamentos de meninos. Mas, aos poucos e sem nunca

deixar de SONHAR, vamos apreendendo as fórmulas que nos ajudarão a saber realizar os nossos desejos.

Este ano, alargamos este desafio às nossas famílias e, juntos, partilhamos um momento de partilha acerca do que é SONHAR.

Este é o resultado da auscultação realizada, frases nossas ditas de forma espontânea e reflexões dos nossos papás. Ora leiam...

O papá e a mamã são uns amores para eu sonhar.

Sonhar é lutar pelos nossos desejos e torná-los realidade.

(Antónia)

Sonhar é gostar das pessoas que mais amamos.

Sonhar é imaginar coisas bonitas.

(Diogo)

Sonhar é ultrapassar obstáculos.

Sonhar é dormir.

(Rodrigo Fernandes)

Sonhar é algo que ninguém nos pode tirar.

Sonhar com os anjinhos.

(João Pedro)

Sonhar é dar beijinhos de boa noite.

Sonhar é acreditar que é possível.

(Vasco)

Sonhar é a melhor parte da realidade.

Sonhar é... Refúgio.

(Simão Faria)

Sonhar e ter muitos amigos, dar muitos abraços e ficar muito feliz com eles. Sonhar é... esperança num mundo melhor.

(Gonçalo)

Sonho é quando a pessoa dorme e a sua mente e subconsciente despertam.

Sonho é amor.

(Beatriz)

Sonhar e ter sonhos com imagens que temos no cérebro.

Sonhar é... fantasia.

(Ricardo)

Sonhar é divertido.

Sonhar é liberdade. (Inês)

Sonhar é ter uma mota.

Sonhar é uma forma de manifestar os nossos sentimentos, desejos, emoções e medos.

(Lucas)

Sonhar é acreditar que se pode amar sem sofrer com a realidade,

Sonhar é ter bons sonhos ou maus sonhos.

(Miguel)

Sonhar é imaginar.

Sonhar é dormir.

(Rodrigo Maia)

Sonhar é viver e tornar os sonhos reais.

Sonhar é ser feliz.

(Simão Ferreira)

Sonhar é um conjunto de ideias e de imagens que se apresentam ao espírito durante o sono.

Sonhar é sonhar com o mundo enquanto dormimos.

(Luana)

Sonhar é concretizar algo que queremos muito.

Sonhar é dormir de noite e acordar de dia.

(Iara)

Sonhar são coisas boas.

Sonhar é dar asas à imaginação.

(Francisco)

Sonhar é... festa, praia.

Sonhar é imaginar.

(Francisca)

Quando contamos um sonho, contamos à nossa família. Sonhar é dormir. O meu sonho é casar com a Margarida quando ela for crescida.



Sonhar é acreditar a vontade de viver.

(Alexandre)

Sonhar são mensagens.

Sonhar é sonhar coisas boas e depois coisas más.

(Afonso)

Sonhar é a dormir.

Os sonhos às vezes tornam-se realidade.

(Angelina)

Sonhar e ficar feliz e ter muitos amigos.

Sonhar é ... imaginar.

(Dinis)

Sonhar é imaginar, fantasiar, realizar, conseguir, conquistar, ter coisas boas para nós ou alguém especial.

Sonhar é dormir.

(Edgar)

1.º ciclo da EB de Presa **Sonhei**

Sonhei,
Que neste mundo reinava a amizade,
Que ninguém sentia saudade,
Que a Natureza era verde e bela,
Que todas as coisas bonitas do mundo cabiam numa tela...

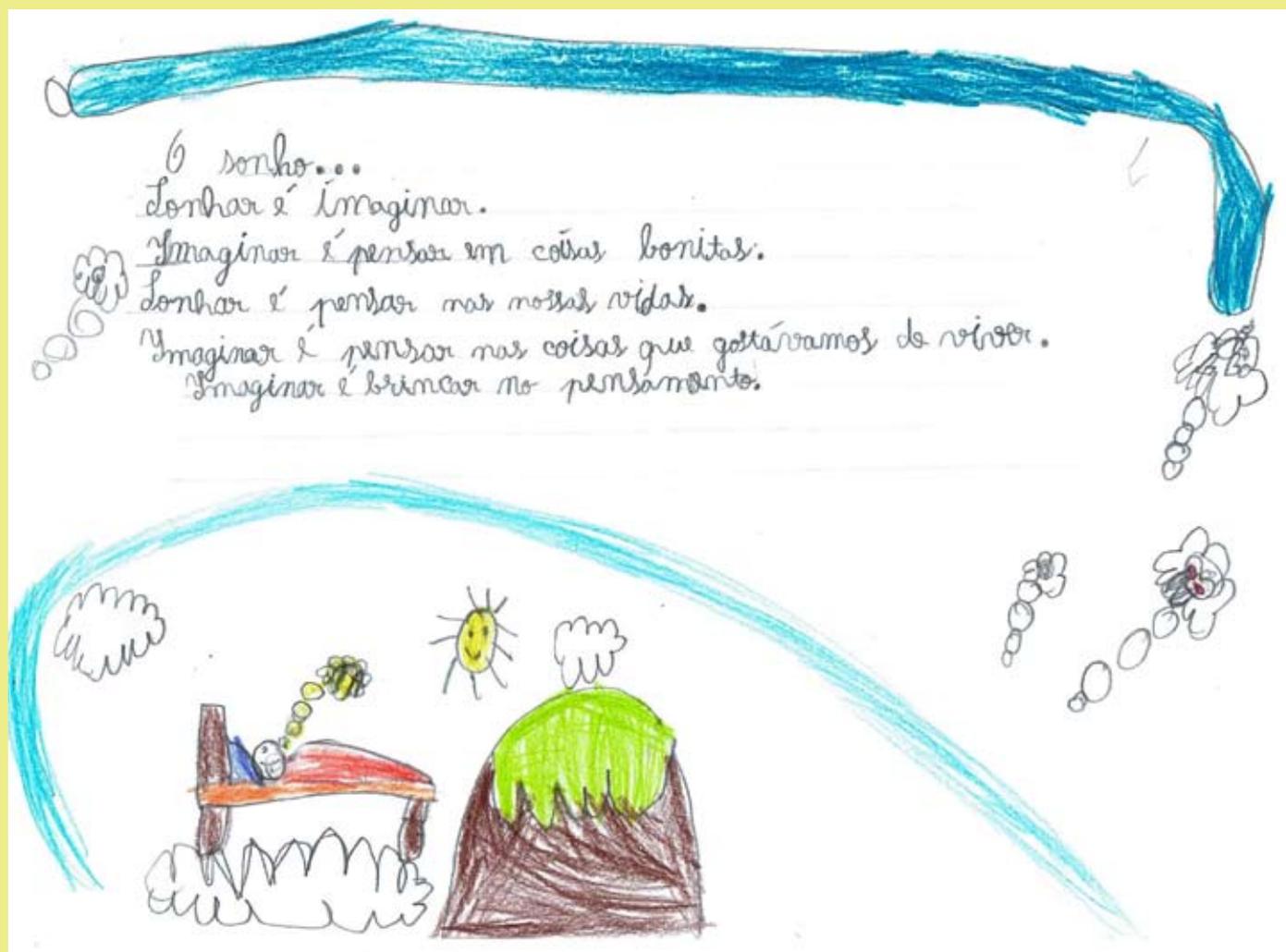
Sonhei,
Que todas as famílias eram unidas,
Que estava rodeada das coisas mais queridas,
Que sentia o aroma a doces e a pão quente,
Que nenhuma criança se sentia doente...

Sonhei,
Que desenhava uma macaca com risca-de-giz,
Que vivia num mundo muito mais feliz,
Que acabavam as guerras, que havia esperança,
Que não se ouviria mais, o chorar de uma criança...

Sonhei,
Que via o arco-íris de todas as cores,
Que todos os jardins tinham flores,
Que brincava com a neve branca e fria,
Que belíssimo mundo este seria!

[poema coletivo]

EB de Ortigueira



O SONHO
comanda a vida...



Quando me vou deitar,
eu espero ter sonhos.
Onde eu esteja a voar.
feliz e risonho.



No sonho,
eu posso ser o que quiser,
desde um simples menino
ou um super-herói qualquer.



Sonhadora sou
concretizadora serei,
à procura dos meus sonhos eu vou
e felicidade terei.



Sonhos não me faltam
e motivação também não,
faço parte das pessoas que acreditam
que isso é a receita para a concretização.



Com sonhos se faz a vida
nem sempre a nosso jeito.
Cada hora decorrida
traz um sonho desfeito.

O meu sonho é ser feliz
ter saúde, paz e amor.
Fazer o que Deus diz
e estar sempre ao seu dispor.



Os sonhos são de fantasia,
e estão cheios de cortesia.
Quando de manhã se faz dia,
eu fico cheio de alegria!



Queria ser uma fada,
para o mundo poder ajudar.
Eu sonho todos os dias
que a guerra vai acabar.



É tão bom ser criança
para sonhar, amar e brincar.
Com todos os meus amigos,
o mundo vamos melhorar.



O meu sonho é voar
por entre as nuvens planar,
Lá de cima ver a terra e o mar,
quem me dera ter asas para voar.

O sonho pode ser de encantar.
Faz girar a minha imaginação.
Pode-me fazer chorar
e até acordar.



Os sonhos permitem voar,
visitar sítios especiais.
Nunca mais consigo parar,
mas os sonhos são fundamentais.



Sonhar é maravilhoso.
É algo muito especial.
São viagens inacabadas,
por isso sonhar é essencial.

Para mim o Sonho é

O sonho é uma sensação má ou boa.
As boas são os sonhos e as más são os pesadelos...

(Ana Sofia)

O sonho é ter alguma coisa que queremos muito.

(André)

O sonho é imaginar coisas boas é ter paz e sossego.

(Beatriz Santos)

O sonho é um momento quando sonhamos quando imaginamos coisas que gostávamos que acontecessem.

(Beatriz Durães)

O sonho é querer ir a algum lado, querer ter alguma coisa... O meu sonho é viver em Paris.

(Daniela)

O sonho é sonhar com coisas boas e desejar boas coisas e ser feliz.

(Erika)

O sonho é ter uma bola assinada pelo Cristiano Ronaldo, pelo Rafa, pelo Raul Rimenez, pelo Jonas e pelo Mitroglou.

(Ezequiel)

O sonho é ter um Samsung Galaxy S7.

(Igor)

O sonho é conhecer o Cristiano Ronaldo.

(Gonçalo Costeira)

O sonho é um pensamento feliz sem fronteiras para nos impedir de o sonhar.

(Gonçalo Machado)

O sonho é desejar muito uma coisa.

(Joana)

ELES NÃO SABEM QUE O SONHO
É TELA, É COR, É PINCEL

O sonho é uma coisa que podia ser realidade mas é um pensamento.

(João Pedro)

O sonho é concretizar uma coisa que queiras, concretizar um desejo.

(Leonor Campos)

O sonho é um paraíso de flores com fadas a voar, uma princesa, um castelo e um príncipe a passear e a cavalgar... Paz e amor...

(Leonor Miguel)

O sonho é o que está dentro da nossa imaginação.

(Ludénise)

O sonho é pensar com a nossa mente e usar a imaginação.

(Luís)

O sonho é concretizar coisas que só são possíveis a dormir.

(Maria)

O sonho é um desejo por concretizar...

(Pedro)

O sonho é realizar algo que nós gostássemos de fazer.

(Raquel)

O sonho é o que está no pensamento da pessoa quando está a dormir.

(Renata)

O sonho é um dia ser alguém que sempre quis ser.

(Ricardo)

O sonho é durante a noite sonhar com o que gostaríamos de ter no futuro.

(Rodrigo)

O meu sonho...

EB de Eira Velha

(1.º ano)

Apanhar flores para a madrinha.
(Ariana)

Ser bailarina.
(Bruna)

Ser muito rico para comprar uma casa boa para a minha família.
(Bruno)

Brincar com o cão.
(Dinis D.)

Ser ciclista.
(Dinis Q.)

Ser princesa.
(Francisca)

Ser professora.
(Gabriela)

Cavaleiro.
(Gonçalo)

Ser campeão de corridas de carros.
(Guilherme)

Viver com a mãe e o pai num castelo colorido e ser uma princesa.
(Inês)

Ser uma boneca, ser uma super heroína.
(Leonor A.)

Ter um castelo e ser princesa.
(Leonor Ferreira)

Ter uma loja de comida, porque gosto de cozinhar e comer.
(Leonor Fernandes)

Andar muito bem de patins.
(Margarida)

Ser uma fada para ver tudo que se passa no mundo.
(Maria Q.)

Queria ter uma empregada para lavar a loiça e dar o café às pessoas.
(Maria Joana)

Queria ser um trol cor de rosa.
(Nádia)

Ser jogador do Benfica.
(Pedro Afonso)

Gostaria de ser rico, dar uma casa aos pobres, saúde e comida.
(Pedro Miguel)

Ser o melhor jogador do Porto e ganhar muitas vezes.
(Rodrigo)

Ser amigo de todos e ficar sempre com a família.
(Simão)

Bom jogador de futebol.
(Tomás)

EB de Eira Velha
(2.º ano)

O meu sonho!

No meu sonho eu fui polícia
E entrei numa prisão
O que me surpreendeu
Foi que conheci um bom ladrão

Fui parar a um estúdio
Por momentos fui cantora
De repente apareceu um quadro
E virei pintora

No meu sonho fui também
Turista e apicultora
Bailarina e enfermeira
E depois professora

Acordei assustada
Tanta profissão experimentei
No fim de tudo
O que quero ser? Eu ainda não sei

Pensando bem
Ser médica seria bom
Estudar muito e trabalhar
Espero ter esse dom

Ana Jorge

Sonho é ...

Sonho é a poção mágica
Que se encontra no coração,
Ele vai colorir histórias encantadas
Depois para o cérebro vão.

Sonho é um pensamento
Que no cérebro fica gravado,
Acordado ou a dormir
Ele vai sempre ser lembrado.

Sonho é querer muito
Uma ideia ou um presente,
Deixa de ser um sonho quando é realizado
Mas eu fico muito contente.

Sonho é tudo isto
O que nos acontece,
Durante todos os dias
É o que a vida nos fornece.

Amaro Costeira

Sabedoria de vida
Observação fiel
Nunca desistir
Humanidade a sorrir
Olhar o céu e seguir

Sonho um dia
Ousar
Nadar pela vida com
Harmonia para ultrapassar todos os
Obstáculos!

O sonho

Eu ainda sou criança
E tenho um grande desejo,
Sonho em ter mil sonhos,
E dar-vos um grande beijo.
Sonho convosco pai e mãe
E não me esqueço de ti grande mano,
Neste sonho encantado
Sonho convosco ao meu lado.
Sonho meu querido sonho
Nunca fujas de mim,
Quero sentir alegria
Sempre que me lembrar de ti
Para me sentir feliz
Quando a noite acabar e o dia chegar

EB de Eira Velha
(3.º ano)

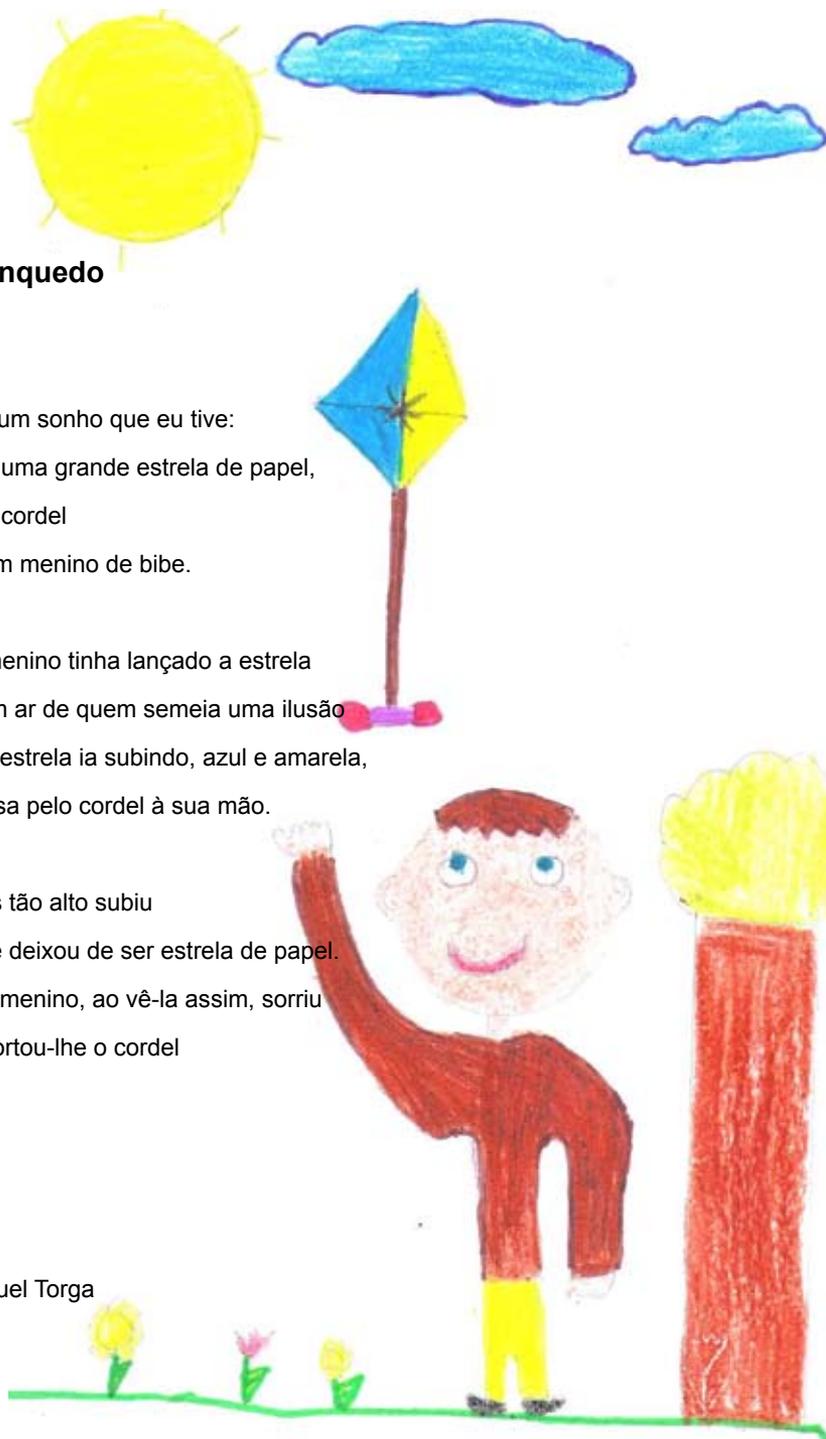
Brinquedo

Foi um sonho que eu tive:
Era uma grande estrela de papel,
Um cordel
E um menino de bibe.

O menino tinha lançado a estrela
Com ar de quem semeia uma ilusão
E a estrela ia subindo, azul e amarela,
Presa pelo cordel à sua mão.

Mas tão alto subiu
Que deixou de ser estrela de papel.
E o menino, ao vê-la assim, sorriu
E cortou-lhe o cordel

Miguel Torga



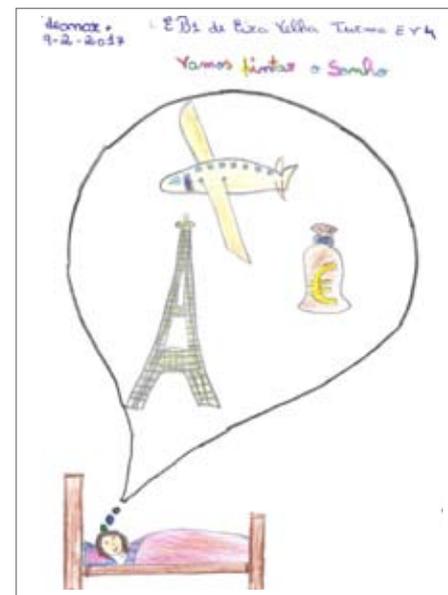
“*Nós somos do tecido
de que são feitos os sonhos.*”



EB de Eira Velha (4.º ano)

Vamos Pintar o Sonho

Vamos pintá-lo de muitas cores
 Para ele ficar tão lindo como as flores!
 Já que está tão colorido,
 Vamos torná-lo mais divertido!
 O sonho é um abrigo,
 Onde posso encontrar um novo amigo
 E também sonhar contigo.
 Com ele vou viajar
 E novos sonhos vamos criar.
 Vamos ser livres como os passarinhos
 A cantarem nos seus ninhos
 E a ensinarem os seus filhinhos.
 Vamos pintar o sonho com magia
 E dar-lhe muita fantasia
 Para que vivamos na alegria.
 Pelo sonho encontro a liberdade
 De imaginar à vontade.
 Este sonha, aquele sonha
 E todos podem sonhar,
 Neste mundo de encantar,
 Porque sonhar é coisa boa
 Para toda e qualquer pessoa.
 Está na hora de acordar,
 Porque o sonho vai acabar.
 Vou continuar a lutar
 Para este sonho realizar
 E à realidade voltar.





Para mim o sonho é algo que não conseguimos concretizar no dia seguinte, mas que nós tentamos tornar realidade.

(Ariana Sofia)

O Sonho torna-se realidade.

(Beatriz Vinhas)

O Sonho para mim é ser feliz e é muito divertido.

(Bruna Dias)

Um sonho, um sonho é viver num mundo encantado, onde tu podes imaginar o que tu quiseres.

(Cíntia Costa)

Podem tirar-nos tudo, mas o sonho, ninguém nos pode tirar.

Quando sonhamos, somos tudo o que quisermos imaginar.

(Daniel Quintas)

Eu acho que um sonho que nós imaginamos nos faz sentir bem em nós próprios.

(Diogo Sacramento)

O Sonho é algo que imaginamos e que se pode tornar realidade.

(Eduardo Miguel)

Para mim o sonho são imagens e ideias da nossa imaginação, que toda a gente tem quando está a dormir.

(Filipe Rocha)

Para mim, um sonho significa muita alegria, estar bem-disposta, andar todo o dia contente, brincar todo o dia com as minhas amigas e com as pessoas que estiverem tristes, para as fazer felizes.

(Joana Filipa)

Os Sonhos são como o vento: tu os sentes, mas não sabes de onde vieram, nem para onde vão.

(Lara Sofia)

Tudo o que um sonho precisa para ser realizado, é alguém que acredite que ele possa ser realizado.

(Leonor Ramos)

Para mim um sonho é uma coisa que nós queremos e que gostávamos que se concretizasse.

(Maria Aurora)

O sonho é algo que alguém gostava de realizar.

(Maria Cunha)

O sonho para mim é imaginar coisas imagináveis e não imagináveis, porque algumas pessoas sonham com coisas normais e outras sonham com coisas que não existem.

(Mariana Ferreira)

O Sonho é algo para se concretizar.

(Raquel Antunes)

Quando sonho, fico feliz!

(Renata Silva)

O meu sonho é que haja um mundo cheio de felicidade e sem maus tratos, para as pessoas e para os animais.

(Rui Miguel)

Um sonho para mim é um lugar alegre, feliz, com muitas coisas.

(Gabriel Sallum)



EB de Dume
3.º ano

Sonho

Eu hoje tive um sonho
Que eu era uma flor do campo
De cada passarinho que passava
Eu adorava o seu canto.

Quando os passarinhos cantavam
Eu ficava tão feliz
Era um sonho maravilhoso
Como aquele que eu sempre quis.

Todas as flores dançavam
Com muita animação
Todos felizes e contentes
Com amor no coração.

Beatriz Ferreira

Sonho

Eu sonho ser um jogador
Por isso tenho muito para trabalhar
Muito empenho para ser goleador.

Eu sou uma estrela
Preciso muito de brincar
Espera, já estou a sonhar!

O sonho é muito bonito,
Faz os meninos acreditar
Que um dia possam ser
O que estiveram a sonhar.

Afonso Gomes

EB de Dume

4.º ano

Sonhar

Pode-se dizer
Que sonhar é lindo
Porque conseguimos ver
O que os olhos abertos não veem.

Se temos um pesadelo,
Só a mão nos acalma.
De seguida quando adormecemos,
Já nos alivia a alma.

Tudo o que sonhamos
Parece magia,
Mas não gostamos
É quando acordamos de dia.

O João Pestana
Vai a cada cama,
Fazer uma visita
A cada criança.

Depois, com os olhos pesados,
Acabamos por adormecer.
Antes, lavar os dentes
Vai-te dar uma mesada.

Agora vou me despedir
Para este poema acabar,
O que estou agora a sentir
É que o meu sono está a chegar...

ELES NÃO SABEM QUE O SONHO
É TELA, É COR, É PINCEL

O Meu Sonho

Quando eu sonhava, era assim:
Apenas imagens desfeitas, presentimen-
tos
E, sorrindo, serena, apareces à porta,
Eu sonhava – mas vivia.

Solto para onde estás e, fico de ti perto!
Como tudo, sem ti, fica depois deserto!
Apenas eu despertava.

Noite... A amplidão se estende, iluminada
e calma:
O vento vem vindo de longe,
Que tem a inspiração pura e perfeita.

EB de
Bracara Augusta
1.º e 2.º anos

Para mim o sonho é...

- O sonho é não sair do mesmo sítio, mas conseguir ver o mundo inteiro.
- O sonho é estar sempre feliz.
- O sonho é ter sempre alguém para me ajudar.
- O sonho é um coração a voar em cima de uma nuvem.
- O sonho é olhar e não ver nenhuma criança pobre e triste.
- O sonho é poder vir todos os dias à escola.
- O sonho é ser uma sereia mágica.
- O sonho é ver o mundo igual para todas as pessoas.



O sonho

Criança, ser pequeno ávido de conhecimento, cheio de esperanças e sonhos que nos cabe a nós, professores, ajudar no seu desenvolvimento. Despertá-la para o mundo fornecendo-lhe ferramentas que lhe permita crescer enquanto pessoa individual e social.

Neste âmbito, a turma do 4º ano da Escola Bracara Augusta, tem desenvolvido, ao longo do ano letivo, diversas atividades que têm permitido aos alunos enriquecer o seu conhecimento do mundo, entre os quais trabalhos de pesquisa livres ou orientados e sua apresentação.

E foi assim... que conhecemos Pablo Picasso, artista multifacetado que de entre o seu vasto leque de obras, descobrimos a pintura O Sonho .



EB de Bracara Augusta 1.º e 2.º anos

O Sonho para mim é

...

O meu maior sonho

Para mim o sonho é poder realizar na minha imaginação todos os sonhos possíveis e imaginários.

O meu maior sonho é poder ir à Disneylândia para conhecer todas as personagens da Disney.

(Inês)

Para mim o sonho é quando passa a magia entre os olhos e sentimo-nos felizes.

O meu maior sonho é abraçar todas as crianças e saltar, correr e brincar com os meus amigos.

(Matilde)

O sonho para mim é uma imagem que o nosso cérebro faz.

O meu maior sonho é poder voar.

(Miguel)

Para mim o sonho é a realidade.

O meu maior sonho é ser jogador de futebol.

(Francisco)

Para mim o sonho é voar.

O meu maior sonho é ser cientista.

(Maria Inês)

Para mim um sonho é uma coisa que eu gostaria que acontecesse e que me fizesse muito feliz.

O meu maior sonho é ser médica.

(Mariana Ferreira)

O meu sonho é conduzir um Lamborghini e poder andar com muita velocidade na estrada. Eu podia ir até ao infinito!

(Luís)

O sonho é uma paisagem linda e a imaginação é tão bonita que ninguém lhe mete a mão. É divertido sonhar, imaginar e voar.

O meu maior sonho é tirar Muito Bom a todas as disciplinas.

(Beatriz)

Para mim o sonho é desejar muito alguma coisa e ter esperança que um dia se concretize.

O meu maior sonho é ter boa saúde e abrir um restaurante.

(Ana Catarina)

O sonho é aquilo que eu imagino quando estou acordada ou a dormir.

O meu maior sonho é receber um bilhete para ir a Suíça porque é lá que mora a minha madrinha.

(Leonor)

Para mim o sonho são coisas que nós pensamos que não é realidade.

O meu maior sonho é ser rico.

(Ruben)

É sonhar com coisas boas ou más.

O meu maior sonho é ser uma das personagens dos meus desenhos animados favoritos, ser rainha de todo o mundo e que todos gostem da minha simpatia e da minha professora Milene.

(Bárbara)

O sonho para mim é um pensamento que acontece quando estamos a dormir ou alguma coisa que queremos muito que aconteça.

O meu maior sonho é um dia poder ter um telemóvel.

(Gonçalo)

O meu sonho é ter poderes para fazer o que eu quisesse. Podia ser o rei do mundo. E seria milionário.

(Rodrigo)

1.º ciclo da
EB de Crespos

1.º ciclo da EB de Pousada



O sonho

Quando à noite me vou deitar, sei que decerto vou sonhar. Sonhos bons, sonhos maus, sei lá! É pena não os poder escolher porque só ia escolher os bons... Mas os sonhos maus também têm as suas vantagens, porque quando tenho sonhos desses, a minha mãe vem ao pé de mim para me sossegar e é tão bom sentir o carinho dela e o seu abraço!

Os sonhos também são mágicos porque às vezes ficam na nossa memória e outras vezes, escondem-se e não me consigo lembrar deles. São mesmo marotos, não acham?



ELES NÃO SABEM, NEM SONHAM,
QUE O SONHO COMANDA A VIDA

SONHOS ILUSTRADOS

“Eu tenho uma espécie de dever,
de dever de sonhar,
de sonhar sempre,
pois sendo mais do que
uma espectadora de mim mesma,
eu tenho que ter o melhor espetáculo que
posso.

E assim me construo a ouro e sedas,
em salas supostas, invento palco, cenário,
para viver o meu sonho
entre luzes brandas
e músicas invisíveis.”

...

Fernando Pessoa

Tendo como ponto de partida a leitura do poema de Fernando Pessoa, Sonho Impossível, e da audição da sua declamação/reinterpretação por Maria Bethânia, os alunos do PV3 foram desafiados a sonharem...

A partir de uma foto de perfil, os alunos construíram a silhueta do perfil do seu rosto e cada um ilustrou o seu sonho, um sonho associado aos seus percursos de vida, às suas expectativas, às suas alegrias e angústias, às suas histórias e fantasias. Sonhos inacabados, num processo em *continuum*, tal como o percurso de uma vida que se constrói com vivências e experiências que se vão traduzindo em conhecimentos.

Eis alguns exemplos dos trabalhos produzidos pelos alunos.



André Fernandes



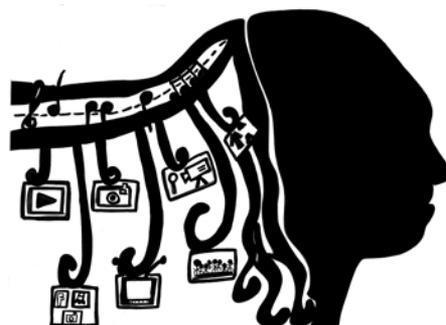
Ana Beatriz Oliveira



Bruna Silva



Bruna Pereira



Ana Catarina Gonçalves



Alexandra Gomes



Eva Lopes



Diana Costa



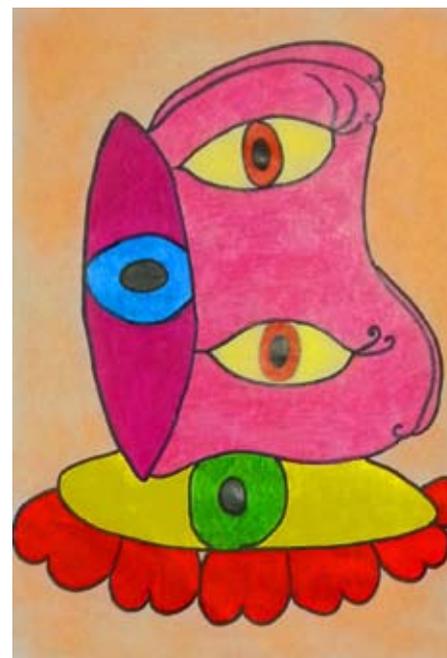
Cláudia Dourado

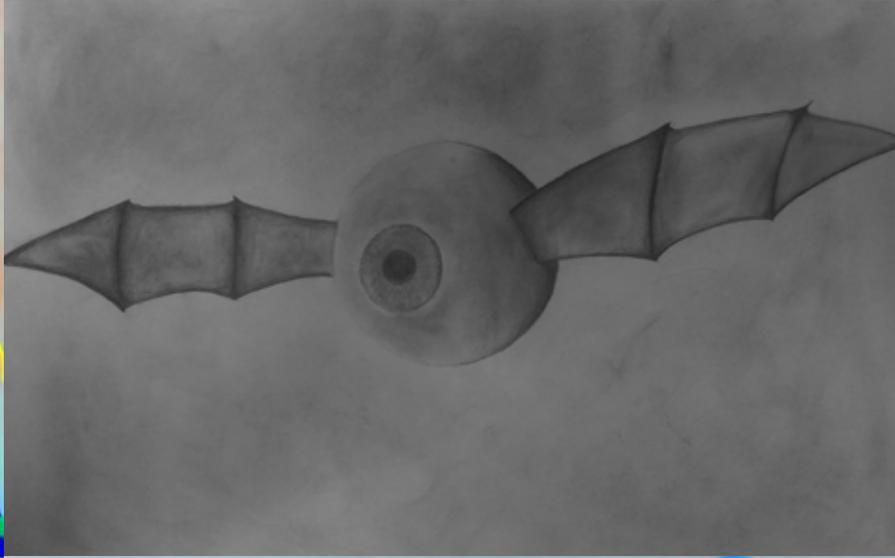
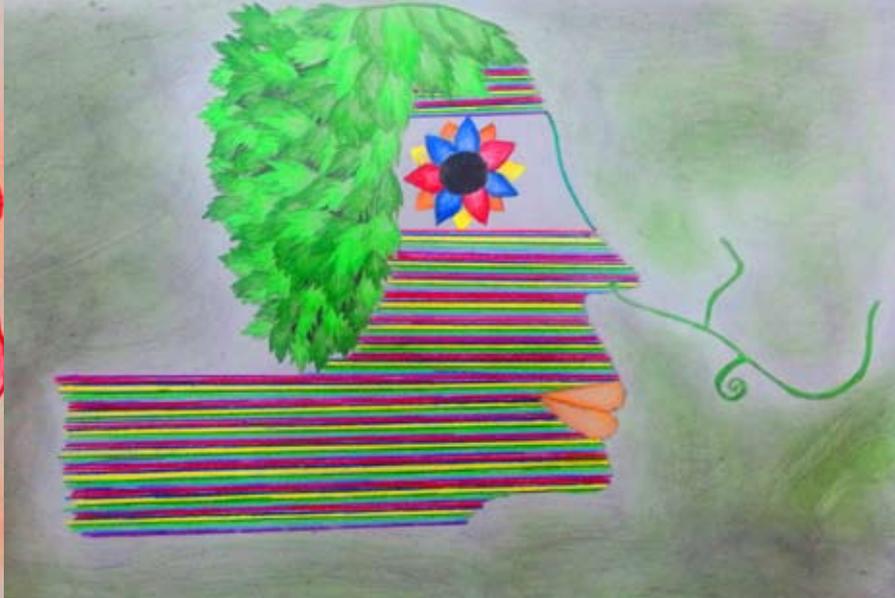
O Sonho/ A Imaginação

7º e 8º anos

Trabalhos realizados no âmbito da temática “O Sonho”, cujo produto final é a inter-relação da realidade, imaginação, fantasia, subjacente à criatividade “surrealista”.







Sonhos com Palavras

Ai, sonhar! Vivemos num mundo onde todos sonham, uns mais do que outros. Normal, penso eu, pois, quanto maior a imaginação, maior é o sonho. É como uma lei universal...

Este é o nosso mundo, um bom mundo, bom para se viver. Mas, não, não vou falar sobre coisas que todos nós sabemos. Afinal, o que nos interessa uma coisa que já sabemos? Não, eu vou falar sobre... sobre um novo amigo meu.

E lá fazia ele as bolinhas de sabão, soprava, e rebentava as bolinhas com os dedos. Típico de um rapaz mais aluado. Voltava a soprar, mais bolinhas.

Naquele dia de nascer do Verão, o calor era intenso, as flores sorriam ao passar, até o velho carrancudo - e podem crer que é carrancudo – sorria e cantava como nunca.

Afinal, quem não gosta do Verão? O extraordinário Verão!

Mas, continuando a minha história, sonhava ele enquanto as estourava. Um sonho robusto, bonito. Ele, sem dúvida, era um sonhador. Há quem pense que era sonhador de mais, pois, como já disse, este

não é o nosso mundo. No nosso mundo, um sonho é só mais um, podem crer que não é o nosso mundo!

Neste outro mundo, sonhar é como um superpoder. Digamos que quem sonha pode ser o que quiser, o que quer que seja.

As horas iam passando e passando, do amanhecer ao anoitecer, do almoço ao jantar. Tudo naquela cidade era bom, embora nem todos os habitantes o conseguissem perceber. O tempo parecia mágico, doce, como a nossa brisa do mar. Esta cidade tinha nome, afinal. Tudo tem nome! Este não é assim tão imaginativo, mas, em suma, era um bom nome: Cidade do Sonho! Esse é o seu nome, um nome adequado!

Volto a referir que naquela cidade, tudo era mágico. Contudo, o Verão passou, apressadamente.

Esta, sim, é talvez uma das poucas características que temos iguais, no nosso mundo.

O Outono chegou, vermelho e castanho, e com ele, veio a incerteza, o frio e a tristeza do Inverno. O rapaz, sentado num banco, no apêndice, a chuva a cair,

gabardina amarela vestida, botas verdes e um chapéu-de-chuva vermelho.

Agora sim, o velho estava insuportável, reclamava por tudo, reclamava se estava vento, se chovia, se estava frio, se as folhas lhe sujavam o jardim, sempre a resmungar.

O rapaz da gabardina amarela, agora chorava... Enquanto chorava, escrevia, escrevia naquele papel amachucado pelo frio invernal, um papel já sujo e esborratado. Escrever era uma maneira de desanuviar o corpo e o espírito.

Agora, a chegar o início do Inverno tormentoso, sentia-se, o que se pode chamar de o melhor cheiro de todos. O do Natal. Época de festa e partilha - dar e receber, amar e ser amado, época onde todos são felizes e alegres.

Mas, passando à frente: ele gostava de escrever, fazia-o sentir-se melhor, bem consigo próprio e, com isto, tudo isto, e estando nós na Cidade do Sonho, já se via o que ia acontecer...

Ele escreveu uma história tão intensa, tão agradável de ler. Leu-a. Todos os outrora infelizes habitantes da grande e bela Cidade do Sonho pararam. Naquele momento, formou-se um sorriso na

cara de muitos, uma lágrima veio, quente, na cara de outros; outros, ainda, demonstraram apenas respeito com um olhar de aprovação, mas sei, tenho a certeza, de que, naquele momento, todos sentiram o derradeiro poder das palavras, forte, vivo e belo, com a sua mensagem poderosa.

Quem poderia negar aquela prenda, a maior dádiva do mundo, aquele poder imenso, o melhor presente num Inverno sombrio, uma maneira sublime de aquecer o corpo e a alma?

Depois, infelizmente, não tenho a certeza do que aconteceu. Acordei a pensar nisso, mas, por fim, resolvi, devido ao compromisso, escrever-vos esta história e mostrar-vos o verdadeiro poder da palavra, sem dúvida, a melhor prenda de Natal.

Nadim
Carlos Carvalho

O Sonho

As insónias das 2 da manhã não me abandonam, andam agarradas a mim e gritam pela sobrevivência que teimo em contrariar, permaneço na tentativa de adormecer e a medo lá me deixo levar. Cair no sono atormenta-me e deixa-me bastante vulnerável à realidade que vivo.

Dizem que o que vai nem sempre volta e eu sempre acreditei nisto, éramos tão inteiramente felizes e tão exageradamente afeiçoados, parte um do outro e incapazes de viver um sem o outro até ao dia em que me deixaste, perdi-me por te perder, mas sonhar é uma capacidade que nunca se deixa de ter.

“Pareces ter voltado e estou tão incrédula que nem sei como se descreve o que está a acontecer, transpiro felicidade e perco a noção da realidade quando sinto o teu toque por perto, a atração psicológica sempre foi algo que me fascina e acabas comigo de uma forma que nunca serei capaz de explicar, temo as tuas chegadas como se cada uma delas já trouxesse a mágoa das partidas, avanço sem medo, cabeça erguida, sorriso no rosto, brilho no olhar de quem nunca desiste de uma

guerra por perder um confronto. Estou tão bem aqui contigo neste momento, a forma como me mimas, o orgulho no olhar de quem te tem espelha-se no brilho do teu por me teres, perco noção do tempo, agora sou só eu e tu. Estes momentos preenchem-me, apertas a minha mão como se fossem os últimos momentos juntos e fazes-me sentir segura, temo a possibilidade de falhar contigo como em todas as outras vezes e a incapacidade de te fazer ficar assombra-me de uma forma horrorosa mas estou tão feliz que não quero pensar no futuro, aperta a minha mão por muito tempo, deixa-me sentir o teu cheiro mais uma vez, faz disto a nossa realidade e prometo que não te arrependes. Estamos tão bem juntos!...”.

Acabei de acordar, ainda estou enrolada no quentinho dos meus lençóis, o sonho tem sido sempre o mesmo e creio que cada vez se torna mais nostálgico, acordo com um pensamento explosivamente caótico e o coração suspenso num turbilhão de emoções, é hora de ir e, se pudesse, ficava aqui a sonhar contigo. Também se sonha de olhos abertos e ainda bem.

Sara Ribeiro

A Superação

Uma das coisas que diferencia o ser humano dos outros animais é a sua criatividade na hora de superar obstáculos, a maneira como tem mais facilidade na sua adaptação aos desafios. E no mundo em que vivemos, não podemos nos dar a chance de pararmos diante de uma limitação, seja ela um obstáculo enorme que movimenta uma comunidade inteira, ou problemas particulares que enfrentamos diariamente. Seja qual for a proporção do desafio, é essencial sermos capazes de superá-los.

Vivemos numa sociedade competitiva, na qual uns tentam passar os outros para trás. A ganância e a ambição, tão presentes no nosso mundo atualmente, não são elementos tão novos assim. A vontade de atingir a superação é muitas vezes movida por esses dois fatores. Na obra “Os Lusíadas”, os viajantes são constantemente elogiados, visto quantos desafios foram capazes de enfrentar. O Velho do Restelo, por sua vez, não concorda com os viajantes, acha que toda a recompensa, toda a superação não

vale realmente a pena, e que a suposta coragem dos viajantes é um disfarce para a ganância neles presente. Vemos então que, mesmo há séculos atrás, o sentimento da superação, movida ou não pela ganância, era capaz de levar uma nação inteira adiante.

Como se já não bastasse a competitividade do mundo atual, também temos que levar nossas vidas privadas em consideração. Diversos problemas surgem continuamente, sejam eles de relacionamentos, financeiros, familiares, ou de alguma outra origem. Os desafios podem parecer pequenos em comparação a problemas de ordem mundial, por exemplo, mas sua devida superação é mais do que essencial para o nosso desenvolvimento pessoal, para levarmos uma vida saudável.

Sendo assim, a superação de obstáculos e limitações pode ser difícil e até mesmo controversa, mas é importante para nós como seres humanos.

Maria Marta Fantinel, 12º8

A importância do sonho

O Homem distingue-se das outras espécies devido, sobretudo, à sua parte intelectual, àquilo que o transforma num ser racional. Esta “superioridade” humana subentende a satisfação de necessidades, não só primárias (alimentar-se), mas também secundárias, mais relacionadas com a parte “espiritual”. O sonho constitui uma forma de satisfazer algumas dessas necessidades porque torna possível a idealização de projetos futuros, a esperança na melhoria de uma vida, um plano para alcançar a fama ou algo enaltecido, uma maneira de concretizar impulsos impossíveis na dimensão real... Torna-se, por isso, importantíssimo na nossa vida.

O ser humano pode utilizar o sonho (e fá-lo muitas vezes) como uma forma de motivação. Um desejo, que queremos a todo o custo realizar, leva-nos a passar mais facilmente por situações complicadas, a aplicar todo o esforço do qual somos capazes, a sacrificarmo-nos por ele. É o caso do jovem que pretende, no futuro, ingressar na universidade para frequentar um determinado curso

para, mais tarde, exercer a profissão dos seus sonhos. Neste exemplo, vemos a importância do sonho enquanto fator motivacional e o poder que este pode exercer no traçar do nosso caminho futuro.

Na vida, existem momentos em que desejamos mais, desejamos que o nosso nome seja conhecido pelo mundo, ou que a nossa pátria seja reconhecida pelos “feitos gloriosos” do seu povo... O sonho serve, muitas vezes, para idealizar grandiosos planos que, se concretizados, resultam num enaltecimento pessoal ou coletivo, o que é importante para aqueles que procuram a fama ou o reconhecimento. Os Descobrimentos portugueses são o exemplo de uma pátria que idealizou descobrir novos territórios, que decidiu explorar o mundo, aventurando-se pelos mares desconhecidos e que, apesar de todas as dificuldades, concretizou esse sonho, deixando a marca portuguesa na história mundial.

O sonho é importante pois constitui uma forma de, na dimensão “irreal”, estruturar, criar, idealizar planos que

podem ser concretizados na dimensão real, articulando, assim, as duas dimensões. No entanto, existem sonhos inconcretizáveis, são de carácter utópico. São sonhos que muitas vezes desiludem, que estabelecem metas que nunca serão completamente atingidas, mas pelas quais é preciso continuar a lutar porque dessa luta depende a não estagnação e até alguma garantia de progresso. Jamais conseguiremos sociedades perfeitas, porém perseguir essa utopia impede que haja retrocessos. A perfeição utópica é uma idealização inconcretizável, mas é saudável sonhar com ela.

Heróis de nós mesmos

Cada ser humano é um super herói pertencente ao filme que é a vida e, ao contrário do que possamos pensar, não são tão mirabolantes como os que vemos no cinema, todavia os seus poderes são igualmente fascinantes.

A vida é constituída por obstáculos e para os ultrapassar não é, de todo, preciso uma visão raio-x, super força ou uma velocidade fora do comum, o que é precioso para conseguir deter tais obstáculos são os fantásticos poderes da atitude, da escolha ou do esforço. Não, a vida não é um mar de rosas, não é um filme em que as personagens principais acabam geralmente bem, não é uma revista que pretenda documentar a vida perfeita de algum famoso. Não. A vida é o mais difícil e temível dos nossos obstáculos, simplesmente porque é um conjunto deles, mas até esses nós, humanos, podemos vencê-los, vivendo-a o mais feliz e intensamente possível. Apesar de um herói se tratar, o Homem tem o incrível defeito de se vitimizar e menosprezar, eu pergunto-me como se

sente um indivíduo autista ao conseguir pela primeira vez, focar o seu olhar no de outro, com toda a certeza que isto é uma gigante e grandiosa superação, porém as pessoas ditas “normais”, por mais obstáculos que ultrapassem, conseguem sempre arranjar forma de pensar negativamente e elas próprias serem o limite das suas limitações. Pergunto-me se os nautas portugueses aproveitaram o bastante da superação que foi chegar à Índia. Bem, segundo Camões, sim, eles aproveitaram.

O ser humano é incrível, porém mais incrivelmente ridículo do que isso é o facto da maioria não o conseguir perceber e gastar o seu tempo a fazer nada mais do que tornar-se, a si e aos outros, fraco, com insultos, com agressões, com preconceitos idiotas. Penso que se todos fôssemos menos maus uns com os outros, seríamos melhores heróis e poderíamos mesmo salvar o mundo. Em conversa com o meu irmão de apenas oito anos, ele tentava responder a uma questão dos seus trabalhos de casa – “Qual é o teu maior sonho?” – com a inocência típica de uma criança, ele respondeu que queria que todos pudessem ser super-heróis com

super-poderes e, nessa conversa, eu disse-lhe que todos éramos heróis e ele riu-se. Pois ali, eu senti-me uma heroína, por ter tido o poder de o fazer rir. Vou salientar que o meu irmão estava doente, a fazer os trabalhos de casa e a rir. Para mim, ele era não mais que um herói a superar-se.

De todos os poderes que nós, seres humanos, temos, o mais valioso é, sem dúvida, o da vida; aquela que nós vivemos e não a que vemos passar, aquela em que sonhamos e em que com dificuldade nos deixamos abalar, aquela em que somos nós mesmos como somos e em que, após cairmos, nos voltamos a levantar.



Sonhar, sonhar

Hallo! Deutschland Träumt auch!
Träumen, Träumen,.....

(Sonhar, sonhar)

Alle Menschen Träumen und manchmal
sind wir Träumer. Wir schlafen und
Träumen, wir Leben und Träumen.

Alle können die Träumen erreichen, aber
alle müssen arbeiten, studieren um die
Träumen zu verwirklichen.

Viel Glück! Du muss deine Träumen
verwirklichen.

Ein Träumer sein ist Gut!

Träumen hat keine Nationalität, aber es
hat ein Ziel.

Alle haben Träume, Berufsträume,
Reisen, und etwas mehr.

Nicht vergessen! Wir müssen studieren,
arbeiten um unsere Träume zu erreichen.

Klasse 1206

Wir wünschen alle Viel Glück um einige
Träumen zu erreichen.

Träumen ist sehr natürlich und angenehm
aber es ist ein Ziel und ein Kampf.

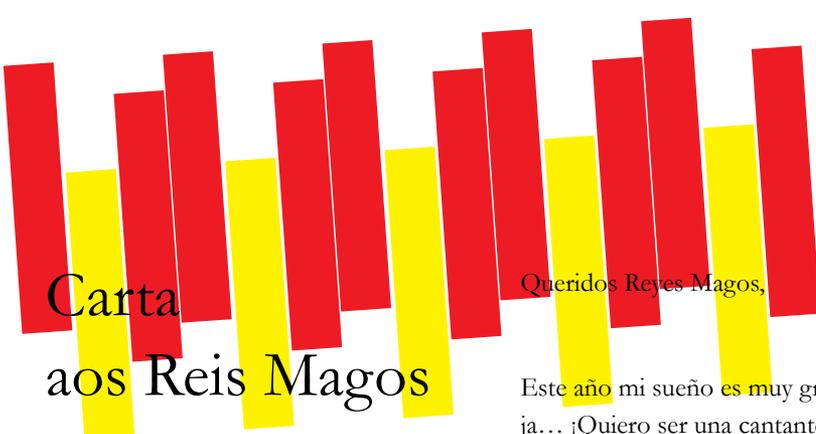


Dreams are something that we can't ignore
Rarely must we forget them
Essential to accomplish our goals
And without them our life is meaningless
Motivate yourself to achieve your dreams
 and then you will be happy.



Um dia, talvez...

O meu sonho é conseguir, um dia, explicar por palavras, os meus momentos de glória.
 Todas aquelas noites de “campo”, com o sol a esquentar pela manhã...
 Comer comida mal cozinhada e com pó por cima, mas nenhuma sobrava.
 Cantar um hino àquelas atividades feitas por quem trabalha, apenas por um simples sorriso ou um pinhão.
 Talvez um dia, outro Camões nasça para contar a minha história.



Carta aos Reis Magos

Queridos Reyes Magos,

Este año mi sueño es muy grande, ja ja ja... ¡Quiero ser una cantante famosa! Quiero que las personas se sientan bien con la música que escuchan. En verdad, me gustaría hacer un concierto en el que las personas se sintieran felices y en paz con la armonía de las notas musicales. Otra cosa que me gustaría hacer sería abrir el corazón de las personas y llenarlo de mucho amor, porque hay mucha gente que no sabe lo que es el amor, no sabe lo que es ser amado. Hay muchos chicos y chicas que por muchas razones no tienen el amor de sus padres y me gustaría que esos chicos fueran felices y se sintieran amados. Bueno, cuento con vosotros para que mi sueño se vuelva realidad.

¡Os deseo un muy buen viaje y nos vemos pronto!

Besitos,

Patrícia, 10º9

Queridos Reyes Magos,

Yo tengo muchos sueños y creo que, sin ellos, no somos nadie. Uno de esos sueños es viajar por el mundo, pues quiero conocerlo. No hay mejor manera de obtener la cultura y el conocimiento que contactar con diferentes personas de distintos lugares y con historias diferentes. El sentimiento de realización que logramos con eso es increíble.

Entonces, eso es lo que quiero en mi vida: la felicidad de conocer algo distinto, de saber que hay algo más que nuestros orígenes y ver la gran maravilla que es nuestro mundo. Esto es lo que realmente quiero, esta felicidad de conocer el mundo.

Bueno, ¡qué hagáis un muy buen viaje y que la luz de la estrella os ilumine vuestro camino!

Un abrazo,

Lara, 12º6

Sonhos sonhados, Mundos mudados

O sonho. Bem, esta simples palavra apenas sendo dita de forma muito simples e até podendo ser citada em conversas muito normais e quotidianas, é daquelas que nos faz quase pausar para refletir, para tentar, ao menos, perceber o seu sentido. O seu sentido? Pois claro, ora, o sonho tem tantos sentidos e, ao mesmo tempo, nenhum.

O sonho tem o sentido que cada um de nós quiser atribuir-lhe. É algo tão simples e complexo como nós mesmos podemos ser: podemos ser o sonho dos nossos progenitores, ou então talvez não. Podemos ser um sonho de aluno, ou talvez também não. Podemos até ser aquilo que um dia sonhámos que poderíamos ser, ou não. Talvez isto esteja a ser bem confuso, mas então, irei retomar o centro da questão – a questão que ainda nem foi feita – afinal, o que é o sonho?

De uma maneira bem poética – ou não – “o sonho é fogo que arde sem se ver”. Ai é? Pois claro. O sonho é, assim como o amor, tudo aquilo que alimentado nos pode dar vida, nos pode manter vivos, sem mesmo o vermos, apenas imaginando-o e tendo a certeza de que

ele existe. Ah! O sonho realmente é algo preciso e precioso principalmente agora, na idade em que nos encontramos, agora, na sociedade em que vivemos. O sonho é o que nos pode fazer avançar, é o que nos faz ter alguma razão para existir, é o que nos dá forças para lutar, e é, enfim, o que nos pode fazer felizes.

Existem sonhos bem simples e “clichês” porém há também aqueles bem mais complexos que nos obrigam a pensar e a mudar alguma coisa. “Eu tenho o sonho de revolucionar o mundo, de trazer ao mesmo novos pensamentos, eu tenho o sonho da mudança” – dizia certa vez alguém, vulgo eu. A mudança. Céus, cada vez que cada um de nós sonha a sério já está a mudar alguma coisa, nem que seja em si mesmo! Sonho é desejo de mudança, é a ânsia de um futuro melhor preconcebido e, reparem, se nós vivermos sem sonhar seremos eternos vazios, nunca teremos qualquer objetivo, nunca lutaremos por algo. O sonho faz-nos bem, e quanto maior e mais ambicioso ele for, então, melhor ele é.

Há dias dei por mim a refletir sobre este assunto e daí veio-me uma ideia bem estranha à mente: eu todos os dias me vejo rodeada de gente, supostamente mais culta, com mais formas de aceder à informação e sabedoria, logo eu poderia facilmente deduzir que os seus sonhos seriam daqueles tão fortes como facilmente alcançados, graças ao facto de terem tantos meios de o conseguir aliado

à sua força de vontade, todavia foi aí que me deparei com o problema – onde estava a força de vontade? Onde estão os sonhos de mudança que podem fazer um bem mundial e que um dia nos podem tornar imortais? Esses sonhos têm que existir, meus caros, ou o mundo parará. Alguém dizia um dia que “os loucos é que fazem o mundo evoluir“. Pois bem, se assim é, que sejamos todos bem loucos. Loucos o suficiente para pegar num livro e lê-lo, para largar o telemóvel e a internet por um segundo, loucos para pensar por nós próprios, para não julgar os nossos semelhantes, loucos para não ter preconceito, loucos para parar alguns minutos, sorrir e sonhar. O sonho é “um pequeno passo para o Homem, mas um grande passo para a Humanidade“, o sonho faz-nos pensar em nós como indivíduos singulares e que podem mudar o Mundo, fazendo-o evoluir.

Cessem aqueles sonhos tão simples que podem ser facilmente pagos com dinheiro corrupto, e venham aqueles que contribuam para o fim das guerras, para o bem-estar entre as comunidades, para a paz...

Clichê e louco, não? Provavelmente... Mas sonhar é o que é preciso, tendo ou não juízo.

Uma palavra

Sonho, uma palavra pequena,
 Mas que significa
 Felicidade plena.
 É a lua quando
 Aparece na noite,
 Ou, então, na lembrança tua...
 Desejar, amar, esperar
 Para o futuro alcançar.
 Sonhar é bom,
 E de todos é um dom...
 E quem sonha
 É feliz!

Um sonho

O que é o sonho?
São as cores que me fazem ver a vida,
Um sítio onde a tristeza também habita,
Ou os desejos mais fortes de qualquer um.

São as paisagens do horizonte,
Fascínio em verde e azul,
Fugir do que nos atormenta
E encontrar o amor!

Há dias em que sou uma borboleta,
Outros, uma ave que voa sem parar,
Mas, também acontece,
Outros há em que sou eu apenas...

É ver todas as cores,
Cheirar mil flores,
Com a esperança de que, afinal,
Tudo não tenha passado de um sonho.

Rui Patrino, 9ºD

Sonhos

Tantas vezes nos sentimos perdidos,
sem nenhum motivo para sorrir,
como se o mundo sobre nós fosse cair...
É nestes momentos que nos esquecemos
de sonhar
e só nos lembramos de chorar.

Mas há algo que devemos sempre
recordar:
é que sonhar é viver,
é a razão do sol brilhar,
da alegria fazer crescer
e da felicidade cultivar.

Mesmo que pareça difícil,
a esperança temos de alcançar,
para que, ao lugar desejado,
possamos chegar.

Nunca deixes de sonhar...
Em cada lugar há uma luz
e cada luz
é um sonho que ninguém pode apagar!

Diana Machado, 9ºD

Sonho Mudo

Encontrei um rapaz
que falar não podia...
estava a brincar
e sonhava, um dia,
voltar a falar.

Chorou, chorou,
e voltou a chorar,
porque também não podia
voltar a cantar.

Um dia sonhou
que cantava bem alto
e, quando acordou,
deu um grande salto.

Os seus olhos brilharam
e de alegria choraram...

Feliz ele ficou,
de alegria gritou,
porque o seu sonho se concretizou!

Francisca Ferreira e Joana Fernandes, 8º E

O sonho tornado realidade

O sonho é algo único,
É atividade da imaginação.
Mas, se nós acreditarmos,
Vai tornar-se na nossa principal
motivação.

Levanto-me todos os dias
Com um sonho para realizar,
Seja o de fazer com que tu sorris
Ou de pelo meu mundo viajar.

Um dia poderás ver os teus sonhos de
criança
tornarem-se realidade...
Mas só se lutares por eles,
Ou, então, vais perder essa oportunidade.

Sonha, sonha e sonha,
Porque sonhar não custa nada!
O que custa mesmo é saber
Que podias ter tudo e acabaste por não
ter nada.

Marta Cardoso, 9ºD

O Sonho – o que é?

Perguntaram-me: “O que é o sonho?”,
Eu respondi: “É um mundo único,
Um mundo onde podemos ser o que nós
quisermos, que é só nosso,
Um mundo onde ninguém nos critica, nos
questiona...”.

Perguntaram-me: “Como é possível?”,
Respondi, dizendo que não sabia,
Mas que tinha a certeza
De que era a única coisa boa que nunca
nos tirariam!
E isso, até hoje, ninguém conseguiu.

Paulo Malheiro, 9ºC

O sonho

O sonho é uma realidade imaginada,
Através dele vemos o que queremos.
Dizem que muitos se tornam reais...

Cada um guarda dentro de si
Um sonho que quer muito concretizar.
A vida dá-nos as oportunidades,
Apenas é necessário seres quem és para o
realizar.

O verdadeiro significado de sonhar
Nem no dicionário se encontra!
Temos uma vida para o perceber...
Está atento, não o queiras perder!

O nosso maior sonho,
É, às vezes, o nosso maior pesadelo,
Nesta vida traiçoeira que nos leva por aí,
Enquanto procuramos a felicidade.

E ela nem sempre está lá,
Mas nós não desistimos.
Há quem sonhe ser feliz
E há quem queira ser feliz a sonhar!

Sofia Freitas, 8ºE

Meu sonho e de mais ninguém

Eu tive um sonho:
Éramos fogueira,
Ondas do mar,
Cinzas na lareira,
Pássaros a voar.

Tu não sabes
Que eu sonhava contigo,
Que, quando o meu pensamento te tocava,
O meu coração palpitava,
E o mundo, arrasado,
Morria assim.

Eu podia sonhar
Com príncipes
E princesas,
Reinos longínquos,
Vales desconhecidos,
Mas o teu amor mendigo,
E sonho sempre contigo.

Quando acordei,
O meu coração partiu.
Corri até ti,
Mas tu já não estavas...

Tiago Lago, 9ºD

É proibido sonhar

No meu mundo, o sonho não existe...
Ninguém tem objetivos na vida,
Ninguém estuda, ninguém quer ser
engenheiro...
Nem sequer ganhar dinheiro!

Quando se pergunta o que é o sonho,
Ninguém sabe responder.
Com um olhar tristonho,
Ninguém consegue entender.

Apenas se pode afirmar,
E ouve o meu lamento:
No meu mundo isso não existe!

Todos são infelizes, já viste?
Algo tem de mudar!

Ema Gomes e Inês Gonçalves, 9ºD



Graffiti Banksy

Sonho o Sonho

Sonho, sonho, sonho...
 Palavra intrigante,
 Com significado risonho,
 Um caráter empolgante.

Sonhar com o Futuro?
 Pensar no Passado?
 Que rumo tomarei
 Neste mundo malvado?

Sonho com ambições
 E com os meus medos.
 Será que são tudo ilusões
 Ou história com vários enredos?

Sonhar com Tudo.
 Sonhar com Nada.
 Qual é a palavra de ordem
 Desta alma desamparada?

Algo gostava de deixar...
 Sonho o sonho!
 Enquanto eu sonho
 O Mundo continua a girar.

Ana Maria Sá, 9ªA

Velhos sonhos, nova realidade

Quanto mais tempo passa, quanto mais velhos ficamos, vamos vendo que a vida e o mundo são bem mais complexos do que pensávamos antes. Quando crianças, nossa percepção do mundo era reduzida, mas não menos importante. Era verdadeira aos nossos olhos, com nossos maiores problemas envolvendo brincadeiras e amigos. Os nossos sonhos, por outro lado, eram extraordinários. Sonhávamos em visitar outros planetas, em termos poderes mágicos, com coisas que, à medida que crescemos, consideramos praticamente impossíveis.

Nossos olhares sobre a realidade se expandem (pelo menos é o que deveria acontecer), começamos a entender que esse mundo no qual vivemos, infelizmente não é um conto de fadas. A magia vai desaparecendo quando conhecemos a intolerância, a desigualdade, quando nos damos conta de que quem deveria se preocupar com o bem-estar de tantas pessoas é incapaz de desviar o olhar de si mesmo. Ou ainda como pessoas e até mesmo lugares inteiros tidos como exemplos escondem cabeças tão pequenas,

mentes tão fechadas, que escondem ideias que mais parecem de décadas atrás.

São tantos os erros e tantas as maldades que passamos a enfrentar diariamente que se torna quase desencorajadora a capacidade de manter sonhos como os que tínhamos antes. Mas mesmo no meio de tamanho caos, nunca devemos esquecer que uma mente sonhadora tem o poder de mudar o mundo.

Lembra-se daquele desejo de criança, quando a gente tanto queria um pouco de magia? Então, esses sonhos dentro da gente podem, no final das contas, serem nossos poderes mágicos, capazes de transformar o mundo num lugar melhor.

Maria Marta Fantinel, 12º8

QUE SEMPRE QUE UM HOMEM SONHA
O MUNDO PULA E AVANÇA



As Aventuras de Robinson Crusoe

José Augusto Lopes Ribeiro



Ilustração norte-americana do século XIX

Introdução: “Há que sonhar em viver”

Em 1951 Ian Watt publicou um ensaio onde afirmava que Robinson Crusoe, a primeira obra ficcional de grande extensão de Daniel Defoe, constitui um dos grandes mitos da nossa civilização, ao lado de Fausto, D. Juan e D. Quixote. Na perspectiva do autor, os enredos e respetivas imagens “demonstram que os protagonistas empreenderam uma busca obstinada de um ideal que é uma das aspirações características do homem ocidental (Watt, 1999: 9). O herói realiza uma excepcional proeza e manifesta as novas atitudes económicas, religiosas e sociais, que marcaram o aparecimento da época moderna. A história relatada é encarada como um mito moderno devido ao simbolismo das ações que contém e por aquilo que representam. É uma história amplamente conhecida e assume a credibilidade de uma crença histórica, como se de facto tivesse ocorrido. Por outro lado, simboliza valores fundamentais de uma sociedade, nomeadamente em relação a temas como a solidão ou as exigências do eu frente às forças do social.

1. O pecado original: desafio e transgressão

Robinson Crusoe estava obcecado por uma vida de aventuras e pela ideia de ir para o mar. Cometeu o pecado que os gregos designam por *hybris*, a desmesura e acabou por ser alvo de uma espécie de fatalismo. Desobedeceu à sua família e não acatou os conselhos do pai, que lhe tinha dito: “Que só os homens em situação desesperada ou aspirando a aumentar as suas fortunas iam para fora em busca de aventuras, para se promoverem através dos seus feitos e ganharem fama com empreendimentos de uma natureza fora de comum” (Defoe, 2004:8). Deveria manter-se numa posição intermédia, evitando extremos e garantindo um padrão de felicidade, evitando os desaires a que estavam sujeitas as camadas superior e inferior da humanidade. Assim, gozaria de paz e abundância enquanto benefícios de uma fortuna média: “a sobriedade, o comedimento, o sossego, o vigor, a convivência, todos os divertimentos agradáveis e todos os prazeres desejáveis eram bênçãos” (2004:9) que o esperavam na situação intermédia. Mas, em vez da vida segura em terra firme, o protagonista tem a audácia de escolher as aventuras e os perigos da vida do mar.

2. A ilha do desespero

A ousadia de Crusoe levou-o ao desprezo pelos conselhos do pai, bem como a uma espécie de falta em relação à Providência divina. Por isso, teve o atrevimento de embarcar com destino a Londres sem avisar a família, acabando por naufragar. Mais tarde foi preso e feito escravo em Marrocos, de onde fugiu dois anos depois, tendo sido salvo por um capitão português. Em seguida, viajou para o Brasil e tornou-se dono de uma plantação, da qual obteve uma relativa prosperidade. Mas, a ambição levou-o a procurar enriquecer mais depressa: “ao aumentar os meus negócios e a minha riqueza, a minha mente começou a ser povoada por projetos e empreendimentos que estavam para além das minhas posses, que são, na verdade muitas vezes, a ruína daqueles que têm melhor intuição para os negócios” (2004:44). Assim, decidiu viajar com destino a África para realizar comércio não autorizado de escravos, como forma de investimento nos negócios da plantação. Crusoe confessa que cedeu aos caprichos, em vez de agir segundo a Razão e declara: “tinha nascido para ser o motor da minha própria desgraça” (2004:46). O navio em que viajava foi surpreendido por um furacão e encalhou num banco de areia. Em desespero, os tripulantes abandonaram a embarcação e enfrentaram a tempestade num barco a remos, mas foram engolidos por uma onda gigante e só Robinson Crusoe sobreviveu. A muito custo conseguiu alcançar terra firme e agora estava a salvo numa ilha deserta e sem nada: “havia tido um salvamento terrível; pois estava molhado, não tinha roupas para me mudar, nem nada que comer ou beber para me confortar; nem vi outra sorte que não a de perecer de fome ou a de ser devorado por animais selvagens” (2004:54).

A ficção da ilha deserta assume um lugar significativo na modernidade, na medida em que serve como justificação para as conceções liberais, Adam Smith (1723-1790) e David Ricardo (1772-1823), relacionadas com os fundamentos do capitalismo. A evolução natural da ação dos indivíduos sobre a terra conduziu a um progressivo domínio do mundo e a uma organização social moderna: “no século das Luzes, justamente, a Razão maiúscula parecia poder harmonizar-se naturalmente com o seu equivalente prático, regulando o comércio dos homens” (Kaufman, 2005: 265). Em o Espírito das leis, Montesquieu argumentou sobre as “doçuras” do comércio, deste modo, a paixão pelo comércio é uma paixão moderada, em contraste com os ímpetos guerreiros. Como explica Kaufman: “canalizando a ação humana e reduzindo a razão ao interesse, o doce comércio conjura os riscos de ingovernabilidade. Reduzindo as paixões humanas a parâmetros calculáveis, ele torna possível o controlo do futuro” (2005: 266).

Assistimos, pois, ao nascimento do homem moderno, indivíduo autónomo e senhor do seu destino, tendo por suporte da cidadania

a propriedade e o capital, que lhe garantem um verdadeiro estatuto na sociedade moderna. Contudo, como esclarece Louis Dumont (1992), temos de atender à importância determinante do pensamento religioso para a concepção moderna do indivíduo, através do trabalho interno: a revolução intelectual das Luzes, com efeito, vem de todo este trabalho anterior. Que passou por indivíduos que foram capazes de desenvolver, pessoalmente, a sua reflexividade” (Kaufman, 2003: 99). A glorificação de Deus leva a uma conversão do indivíduo ao mundo, onde exerce a sua vontade na ação e garante a auto-suficiência na sua relação com Deus.

3. A aprendizagem pelo sofrimento

A luta que Robinson tem de travar, a partir de agora, para sobreviver sozinho numa ilha deserta, constitui um autêntico tratado sobre a ideologia da auto-suficiência individual. As provações experienciadas pelo herói vão estimular a sua inteligência e desafiar a capacidade da sua Razão. As dificuldades e os desafios constantes, vão colocar a descoberto a nobreza de caráter e os valores morais do protagonista. Perante a força da natureza, Robinson revela o poder da Razão, a capacidade de sacrifício e de esforço no domínio da natureza, conquistando progressivamente o ambiente envolvente.

Na ilha, Crusoe desenvolve uma incessante atividade individual e revela o valor do trabalho na conquista do mundo, perante as exigências da necessidade e a dureza da vida: Robinson Crusoe é um relato de uma melhoria moral e religiosa.

4. Individualismo económico e religioso

Crusoe descreve minuciosamente a sua luta pela sobrevivência, mostrando a capacidade do ser humano para submeter a natureza aos seus interesses. Pelo trabalho constante, disciplina, organização e esforço, o homem é capaz de transformar a natureza e tornar-se seu “dono e senhor”.

Primeiramente, tratou da construção de um lar para habitar, devidamente fortificado e seguro. Depois empreende atividades de coletor, caçador, pescador e agricultor. Reproduzindo as etapas da história humana, Crusoe supera, progressivamente, o estado natural e exerce a sua dominação, pelo intenso esforço e dedicação ao trabalho. Deste modo, obtém muitos êxitos e retira prazer dos resultados alcançados. Como assinala Ian Watt: “os prazeres que derivam destas tarefas domésticas não podem ser mais reais: um dos elementos do êxito popular de Robinson Crusoe foi sem dúvida que proporcionou um modelo graças ao qual os processos económicos elementares se converteram em atividades recreativas e terapêuticas. A horta, o tecido, a carpintaria, para não falar da manutenção dos animais domésticos, as crianças e os adultos podem participar das satisfações económicas e ecológicas de Robinson Crusoe, que serviram ainda para forjar o seu caráter” (1999: 166).

Por outro lado, a ética protestante exigia uma administração incansável dos dons oferecidos por Deus. A submissão à vontade divina obriga a uma participação ativa, afirmando sem descanso a vontade de agir no mundo. Ian Watt considera que podemos encontrar na obra de Defoe a estrutura: pecado, arrependimento e regeneração. Com efeito, Robinson confessa a sua vida de perdição, pela desobediência ao pai e fuga de casa, enveredando pela vida do mar, bem como pelo distanciamento em relação a Deus. Agora sente um profundo arrependimento e admite que é um pecador nas mãos de Deus. Encontra, numa das arcas do navio naufragado, uma Bíblia e inicia a leitura do Novo Testamento, procurando consolo em Deus.

Acerca do papel da religião em Robinson Crusoe, Ian Watt afirma que o protagonista chega à religião a partir de inquisições pessoais” em torno das intenções que Deus tem para com ele em momentos críticos, mediante a leitura das escrituras” (1999: 175), para as quais reservava sempre três períodos do dia. E o autor acrescenta: “A religião de Crusoe é individualista no sentido capital do protestantismo: trata-se de uma concentração feita a propósito e individualmente por parte do crente, que trata de descobrir quais são as intenções de Deus, para o qual procura ver que os acontecimentos mais ínfimos ou superficiais do dia talvez contribuam a que ocupe o seu lugar no plano divino de reprovação ou salvação” (1999: 175).

5. Robinson Crusoe: educador moderno

O romance de Defoe foi um sucesso em Inglaterra e inspirou inúmeras adaptações da obra, que procuravam repetir o sucesso editorial. O reconhecido teor pedagógico de Robinson Crusoe levou a que, entre outros, Joachim Heinrich Campe (1746-1818) traduzisse a obra e escrevesse ele próprio uma adaptação sob a forma dialogada: O Novo Robinson. História moral reduzida a diálogos para instrução e entretenimento de crianças e jovens de ambos os sexos. (1779). Assumindo o valor e a importância da história de um herói singular, Campe procura criar um livro instrutivo e útil, de maneira a possibilitar uma utilização didática e moral, para a formação do cidadão e educação da juventude. No prefácio à tradução castelhana, Tomas de Iriarte exalta a doutrina moral da obra: “inspira amor, gratidão e respeito ao supremo Criador e Pai dos homens, suma confiança na sua alta providência, resignação sem limite nas adversidades que nos envia, e uma cega humildade” (Iriarte, 1844).

Acrescenta ainda, que a obra manifesta a miséria e necessidades do homem no mundo e aquilo que pode obter pelo seu trabalho e esforço. Destaca também a obediência aos pais, a submissão aos superiores e a fidelidade aos amigos. Por outro, lado enaltece as invenções das ciências e das artes, bem como as operações necessárias em relação à agricultura, pesca, caça. etc. Contudo, é através de Rousseau, em Emílio, que a obra de Defoe alcança a sua grande notoriedade. O filósofo declara: “Odeio os livros; só ensinam a falar do que não se sabe (...) Será que não há uma maneira de compilar tantas lições espalhadas por tantos livros, de as reunir sob uma ciência comum que seja fácil de consultar, interessante de seguir e que possa servir de estimulante, mesmo nessa idade? (...) Já que temos uma absoluta necessidade de livros, existe um que, na minha opinião, é o mais precioso tratado de educação natural. Será esse o primeiro livro que lerá o meu Emílio; durante muito tempo será o único livro a compor a sua biblioteca, onde nunca deixará de ocupar um lugar de honra. Como se chama então, esse livro maravilhoso? Será Ariosto? Será Plínio? Será Buffon? Não; é Robinson Crusoe. Robinson Crusoe na sua ilha, só desprovido da assistência dos instrumentos e de todas as artes (...) um objeto interessante para todas as idades e que temos mil maneiras de tornar agradável para as crianças” (1990: 200,201).

Conclusão

Podemos entender Robinson Crusoe como um romance de formação, Bildungsroman. Assim, o romance relata o desenvolvimento do protagonista (herói) desde a juventude até à idade madura, num processo de busca dolorosa enfrentando obstáculos e provações. Acompanhamos a sua educação, formação e desenvolvimento do caráter, através das experiências vividas e das mudanças que ocorrem ao longo de todo o processo de trans-formação do indivíduo. Crusoe, qual um iniciado, aprofunda o seu auto-conhecimento e vai exercer a sua coragem e inteligência, enfrentando a necessidade e lutando incessantemente para conquistar a natureza. O herói

é posto à prova e no confronto com as adversidades sofre uma transmutação espiritual. A sua conversão religiosa culmina numa verdadeira renovação, acomodando a sua visão do mundo e a dimensão religiosa e reconhecendo o sentido da vida moderna.

O conflito do indivíduo com o mundo exige a Crusoe uma flexibilidade acrescida, na medida em que as dificuldades e desilusões sofridas ao longo do percurso significam o acesso à verdadeira maturidade. Trata-se de assumir a integração na sociedade moderna. Assistimos, deste modo a uma reconciliação entre o indivíduo e o mundo, entre o individual e o universal. O personagem chega, pois, a bom porto e é através da ação que desperta a sua consciência reflexiva. O seu destino ganha significação e sentido, o homem torna-se autónomo e assume a sua própria identidade, vivendo de modo responsável e livre.

Referências bibliográficas

- DEFOE, Daniel (2004). *As Aventuras de Robinson Crusoe*. Porto: Público.
- DUMONT, Louis (1992). *Ensaio sobre o individualismo. Uma Perspetiva Antropológica sobre a Ideologia Moderna*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- KAUFMAN, Jean-Claude (2003). *Ego. Para uma Sociologia do Indivíduo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- KAUFMAN, Jean-Claude (2005). *A Invenção de Si. Uma Teoria da Identidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques (1990). *Emílio*. Vol. I. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- WATT, Ian (1999). *Mitos del Individualismo Moderno*. Madrid: Cambridge University Press.

O sonho...

Carla Machado

Um dia sonhei...
Sonhei que o sonho era infinito
E que o infinito era...
Era o sonho inalcançável
porque era infinito.
E o infinito não se alcança.
Esta noção de infinito abala-me.
Perco a noção do que é e do que não é,
porque o infinito não é...
Quer dizer, é, mas não acaba, não se
atinge,
não tem fim!
É um conceito muito estranho para mim.
Por muito que ande, por muito que
tente...
O infinito é infinito.
Não está ao nosso alcance.
Basta!
Prefiro parar de pensar nisto.
Chega a ser doloroso.
Prefiro pensar no sonho.
Pensar e sonhar...
Fecho os olhos.
Respiro fundo...
Deixo-me levar...assim...
Devagarinho....
Num céu de azul sem fim
(cá está o infinito de novo...)
Ouço música ao longe.



Bridget Riley

Uma música suave, linda,
o som de um piano tocando.
Aproximo-me para ver quem toca e...
Ninguém!
As teclas erguem-se e baixam-se sozinhas.
Ninguém está a tocar naquele piano,
mas belas melodias emanam do teclado...
Recuo.
Será sonho? Pesadelo?
Mas pesadelo é um sonho! Um sonho
mau!
Não! Deve ser brincadeira- penso eu, no
sonho.
Alguém escondido fazendo de marionetes,
as teclas do piano.
Com fios de pesca transparentes, sabem?
Apenas para se divertir e pregar-me um
susto.
Acorda, rapariga, acorda...
Estás mesmo a sonhar!
Fazer das teclas do piano, marionetes!?
Mas que imaginação!
Não vês que és tu a pianista?
Não vês que és tu que tocas essas belas
melodias?
E que bem tocas! Porque não te enxergas?
Porque teimas em não ver o teu próprio
talento?
Porque te queres substituir por marionetes

construídas pela tua imaginação?
De que tens medo?
Porque foges da realidade e dos aplausos,
até nos sonhos?
Porquê? Porquê? Porquê?
“Acorda, menina, acorda...!”- diz a voz da
minha mãe lá das profundezas!
“Queres chegar atrasada ao teu primeiro
concerto?”
A realidade chamava-me e ainda bem!
Aquele era o sonho do medo do
verdadeiro sonho que eu tinha medo de
enfrentar
O meu sonho tornado realidade!



Não era Dezembro
 Nem dia 24, nem 25...
 Do mês, não me lembro.
 Mas também, porque me lembraria?
 Quer do mês, quer do dia,
 Se todos eram iguais,
 Naquele fim de mundo sangrento
 Em que as luzes não brilhavam, nem
 pinheiros havia
 A música não era de natal e os sinos não
 tocavam,
 Não se falava em paz, nem em esperança,
 nem em amor...
 Não se falava, porque não havia.
 Eram meras quimeras envoltas em sangue,
 Em estrondos, em gritos de horror,
 Eram sonhos assombrados em pó.
 Poeira, destruição, tristeza de dor,
 Dor infinita...
 Mas foi Natal...!
 Ali, no meio dos escombros,
 No meio dos gritos, dos estilhaços, dos
 estrondos...
 Foi Natal...!
 Tão indefesamente pequeno,
 Dormia agora recostado no peito de sua
 mãe
 Eu tinha-o ajudado a vencer o medo.
 Vida no seio da morte...

Esperança no âmago do desespero...
 O rosto, minúsculo e sereno, esboçava
 sorrisos
 Colhendo as lágrimas que em silêncio
 rolavam
 Pelo rosto daquela mãe.
 Seriam de tristeza? De alegria? De dor?
 Sei apenas que eram de Amor!
 Foi Natal...!
 Naquele fim de mundo sangrento, de dor
 e de luto,
 De infinda poeira, de cheiro a pólvora,
 De quimeras envoltas em sangue
 Trazendo a esperança naquele fruto.
 Pela primeira vez foi Natal naquela terra
 sem eira, nem beira
 Pela primeira vez o milagre da vida
 sobrepôs-se ao cheiro da morte.
 Pela primeira vez, desde há muito tempo,
 eu pude jogar com a sorte,
 Pude ver o Amor, sentir a Vida,
 Pude ser humana,
 Esquecendo a dor.



O sonho
 Sonhei...
 Que vivia num mundo sem guerra!
 Numa Terra sem ódio nem medo
 em que todas as crianças eram felizes
 e tinham um lar.
 Sonhei...
 Mas quando acordei
 o sonho acabou!
 E esse mundo tão bom
 Ficou só na minha...
 IMAGINAÇÃO!

O sonho de uma Tília

Fernanda Carvalhal



Há muitos, muitos anos vim para aqui, jovem e tenra, juntamente com outras amigas. Colocaram-nos alinhadinhas, em duas filas e aqui temos estado a ver passar gerações e gerações de jovens. E todos os anos mudamos de roupa com consoante a estação do ano, mas mantendo-nos sempre belas.

Ainda este edifício era um colégio e já nós aqui estávamos a ver os miúdos, com fardas a brincar à nossa sombra. E o que eu vi ao longo da minha vida!

Vi um zeppelin a ser lançado do pátio há muitos, muitos anos, num dia de S. João. Que espanto!

Num dia vi muitos bombeiros a subirem a fachada, com escadotes. Acho que estavam a brincar aos bombeiros.

Vi em 1910 a saída dos alunos do Colégio do Espírito Santo e esperei 11 anos sozinha, só com as minhas irmãs e amigas tílias, sem jovens nem crianças. Mas em 1921 vieram para aqui os alunos do Liceu de Braga, apesar do Reitor achar que o local era muito ventoso (se não fosse o vento como iríamos cantar com o mexer das nossas folhas?). E, com alegria, vi voltar aqueles que justificavam a nossa sombra.

Vi as crianças que vinham fazer o exame de admissão (sim, para aqui entrar era preciso fazer uma série de exames) e que chilreavam na minha sombra, nos intervalos das provas, enquanto comiam os deliciosos Fidalguinhos que as mães lhes traziam para adoçar a sabedoria. E que janotas que estavam, elas com floridos vestidos e lacinhos nos cabelos, e eles de calções com camisinha e gravata! A altura dos exames era uma sucessão de momentos repletos de gente e alegria.

Vi grandes jogos de bola quando havia feriado (acho que agora já não há feriados). Uns sentavam-se na nossa sombra, conversando ou estudando (pouco, pouquinho...), outros tiravam das pastas uma bola de plástico e jogavam, sem descanso à bola (espreitando, não viesse alguém dizer-lhes que tal não era permitido...). Às vezes as bolas voavam e lá iam partir um vidro, outras vezes ficavam presas na minha frondosa copa e lá trepavam os rapazes para as irem buscar. Que cócegas...

Nos campos em frente havia sempre grande animação: Vi muitas aulas de Educação Física, muitos jogos de futebol, basquetebol, etc. E que alegria no corta-mato, aquela miudagem toda a correr por entre os nossos troncos, rindo uns, ofegando outros...

Vi com tristeza as raparigas, que só via ao longe, para lá dos claustros serem desterradas para o novo Liceu Feminino. Apesar de não as ver muitas vezes debaixo da minha copa (só podiam usufruir da minha sombra nos exames e nos dias de festas no Teatro) senti tanto a sua falta!

Vi, tantas e tantas vezes os estudantes, mascarados, a formarem o cortejo do Enterro da Gata. Tanta risada, tanta alegria. E quantas vezes o Testamento da Gata foi lido, modificado, acrescentado, debaixo das tílias...

Vi, em fevereiro de 1963, num sábado ao fim da manhã, começar a cair uma neve densa e fofo — fiquei todo o fim de semana a guardar a neve, nos meus ramos para a garotada poder vê-la na segunda-feira. E quando começou a semana lá estava eu coberta de neve! Não houve aulas, e assisti a todas as brincadeiras naturais de rapazes que nunca tinham brincado na neve (apanhei com cada bolada!)

Antes da Liberdade, era aqui que os jovens se reuniam, combinando ações revolucionárias e manifestações. Mas vi também a explosão de alegria dos rapazes quando foi o 25 de Abril e a partida em manifestação pelas ruas da cidade. Sim, a grande manifestação de alegria pela Liberdade que correu as ruas de Braga partiu debaixo da minha sombra.

Vi, depois do 25 de Abril, grandes discussões entre os vários

DIÁRIO DO MINHO 27 ABRIL 74

Houve "feriado" em BRAGA

Ontem quase se não trabalhou na cidade de Braga. Pela manhã um grupo de jovens manifestou-se no Liceu Nacional Sá de Miranda, pelo que foram suspensas as aulas. Esse mesmo grupo percorreu, depois, vários estabelecimentos de ensino, onde também as aulas foram suspensas. Já mais forte, visitou, seguidamente, vários locais de trabalho, trazendo a gente para a rua, onde um carro de som convidava as pessoas para uma manifestação, às 19 horas, na Praça do Município. Pelas 16,30 apareceram, na Avenida Central, vários elementos de Infantaria 8. As pessoas — na grande maioria jovens — divertiam-se, entretanto, passeando e conversando, como se de uma tarde de domingo se tratasse.

Manifestantes houve que, em grande número, atravessaram as ruas da cidade, cantando «Grândola, Vila Morena» e exibindo cartazes, alguns feitos de vazios sacos de cimento, com dísticos alusivos à vitória das Forças Armadas e ao programa político da Junta de Salvação Nacional.

Às 19 horas, promovida pelo Movimento Democrático do Distrito de Braga, realizou-se nova manifestação, esta com maior amplitude, pois nela tomaram muitos milhares de pessoas que, partindo da Avenida Central, se dirigiram para a Praça do Município, onde deram largas ao seu entusiasmo pela vitória da Revolução das Forças Armadas. As varandas do edifício da Câmara, que serve de pano de fundo à majestosa praça, encontravam-se enfeitadas com bandeiras nacionais.

De uma das varandas dos Paços do Conselho e na presença do comandante militar da cidade, sr. coronel António da Conceição Marcelino e do capitão Soares Leite representante das forças armadas, usaram da palavra, os srs. Dr. Vitor de Sá, escritor, Dr. Lestra Gonçalves, advogado, Manuel da Silva, operário, Dr. Humberto Soeiro, advogado, uma senhora em nome das mulheres do Distrito, José Manuel Mendes, estudante universitário e Dr. Lino Lima, advogado que foram por vezes interrompidos com palmas.

Finalmente o sr. capitão Joaquim Soares Leite agradeceu em nome das forças armadas aquela manifestação ao exército e salientou que o regimento de Infantaria 8, a que pertence, esteve sempre, desde os primeiros minutos da hora H de alma e coração com o movimento que libertou o país. Terminou pedindo calma ao povo e que colabore com a Junta de Salvação Nacional a que preside o General Spínola. Como aconteceu no início da manifestação, cantou-se de novo, em coro, a canção «Grândola Vila Morena» chama da arrancada do movimento libertador das Forças Armadas.

Nomeações feitas pela Junta

Foram ontem distribuídos importantes comunicados, segundo os quais se comunica que:

A totalidade das Forças Armadas, designadamente as da Região Militar de Coimbra, aderiram ao Movimento e cumprem integralmente as ordens da Junta de Salvação Nacional.

(Continua na 4.ª página)

grupos de jovens com ideias diferentes. E como eles se insultavam! “Revisionista”, “maoista”, “social-fascista”, “trotskista”, e outros insultos que já não me consigo recordar. Mas quando tinham uma bola de futebol nos pés a conversa era outra. Lembro-me muito bem de um rapaz, magrinho e alto, parecia uma vara, que chegava, de manhã, sempre atrasado às aulas porque tinha ido à estação buscar jornais revolucionários e que, debaixo da minha copa, os enrolava e entrava sorrateiramente na aula que decorria no Museu. Às vezes tenho a sensação de o ver passar aqui por baixo, mais gordo e mais velhote...

Vi as raparigas voltarem para o Liceu que voltou a ser misto. E como já estávamos em Liberdade passavam muito tempo a conviver debaixo da minha copa. E muitas declarações de amor e juras eternas se fizeram debaixo da minha copa!

Vi alunos que se tinham portado mal nas aulas a quem o castigo imposto era ir ver como estavam as folhas das tílias. E realmente tínhamos um efeito calmante porque voltavam para as aulas mais bem-dispostos e sossegados.

Vi um grupo de professores invadir a sala da direção da escola, quando nos estavam a fazer uma poda drástica, exigindo que a poda parasse. Aí eu vi como gostavam de nós e como estavam prontos a tudo para nos defenderem.

Vi, nas alturas das férias, quando não havia alunos, alguns pequenitos, filhos de professores que tinham de trabalhar nas férias escolares, que passavam dias e dias a brincar na minha sombra. Traziam algum brinquedo e ali passavam os dias. Lembro-me especialmente de três irmãos, quase da mesma idade, e que não paravam de brincar – o mais pequeno era imparável e ao fim do dia estava todo sujo de terra, mas feliz...

Vi o eclipse total do sol de outubro de 2005 e o fenómeno maravilhoso que as minhas folhas proporcionaram projetando no chão uma imensidão de imagens do sol tapado parcialmente pela lua.

Vi o cuidado que tiveram comigo quando fizeram as obras de requalificação e a preocupação em colocar mais umas primas minhas, adolescentes. Mas, com a mudança do Museu deixei de ver o Óscar, o cão, o lobo e os pássaros que costumavam espreitar pelas janelas do Museu.

Ainda vi uma ou outra aula debaixo da minha copa, mas agora...

Vejo os professores pousarem os carros e avançarem com um ar muito sisudo carregados de papéis (já não chegam as pastas, ainda levam sacos). Temo que qualquer dia para produzirem tanto papel a minha vida fique em perigo...

Tenho um pica-pau que me coça o tronco mas que às vezes me aborrece com o seu ruído. E tenho também umas poupas que me catam os pés de manhã cedo. De resto, isto está muito parado. Nos dias da Escola e do Agrupamento ainda há alguma animação com concertos, flash mob, miúdos das outras escolas, mas nos outros dias fico muito só com as minhas amigas tílias. Os alunos trocaram-me pela sombra dos corredores e lá ficam a arrastar os dedos pelos seus smartphones.

Há poucos dias tive um momento que muito me emocionou. Uns miúdos do 4º ano da Escola Bracara, no fim de uma aula experimental de Matemática, aproveitando um raio de sol, correram para mim e abraçaram-me!

Qual é o meu sonho? Que eu e as minhas amigas voltemos a ter a vida que sempre tivemos. Que os jovens entendam que em vez de ficarem pelos corredores é bem mais agradável usufruir da minha sombra, conversar, jogar à bola, namorar, viver!

O Sonho A Utopia A Vida

Cândida Batista

O sonho é importante, necessário e essencial!

Tenho imensos sonhos...

Sonho... com uma vida confortável, com bem-estar e saúde, pois, o Previsível é a segurança, mas o Inesperado é aquilo que nos tira do caminho do expectável e nos envia para novas vivências.

Foi assim, de uma forma inesperada, que vim parar à Escola Sá de Miranda. Logo no primeiro dia apaixonei-me por ela e, durante muito tempo, só o facto de estar aqui, fazia-me sentir enorme satisfação.

Ao ver pessoas insatisfeitas, ficava estupefacta!...

Bem! O que me cativou? A Beleza e a Riqueza com que me deparei!

Com efeito, desde sempre, aquilo que, efetivamente, me fascinou foi a beleza e, dentro deste enorme e grandioso conceito, a sensibilidade para a literatura, museus e monumentos. As outras artes admiráveis mas não se entranharam em mim como se de mim fizessem parte. Todo o meu percurso pessoal e profissional se foi, assim, encaminhando, movido por estes gostos que me ajudaram a sonhar, a crescer e a VIVER. Deste modo, é muito fácil entender que, de repente,

tudo se encaixasse na perfeição, estava a trabalhar no lugar ideal. Assim sendo, senti uma vontade indómita de tratar de todo esse espólio (museológico, arquivista e bibliográfico) e, em simultâneo, divulgá-lo, acreditando que aquilo que eu estava a experienciar pudesse ser partilhado com muitas, muitas pessoas, preenchendo-as, tornando as suas vidas mais belas e, portanto, melhores pois, a beleza tem que ser, naturalmente, o BEM.

Decorridos quatro anos desde que aqui cheguei, ainda hoje é assim. Convivo e trabalho de uma forma muito feliz. Tive necessidade de moderar alguma ansiedade, dado que muitas vezes me sentia com vontade de fazer muitas coisas e muito depressa. Tentava reprimir essa vontade desenfreada, tendo sempre presente o ditado chinês “A melhor maneira de fazer muitas coisas ao mesmo tempo, é fazer uma de cada vez”.

Assim, continuamos a tratar, com muito cuidado, este espólio que detemos e queremos conservar, tratar e divulgar. E é isso que quero – continuar a tratar, cuidar e divulgar a RIQUEZA que possuímos.

Sonho, um dia, ter tudo acessível, tratado,

catalogado e divulgado e partilhar com o maior número de pessoas o arquivo, quase bicentenário; as fotografias com um século de existência; os milhares de revistas que temos no andar superior da Biblioteca Antiga - muitas delas com mais de um século -; todo o material relacionado com as ex-colónias, desde uma coleção de mapas, fotografias, revistas, e material etnográfico; o acervo bibliográfico do Dr. Pereira Caldas que nos deixou em doação uma parte da sua “Opulenta Livraria”, na qual se encontra o nosso livro mais antigo, de 1540, A *Ilíada* de Homero, traduzida para Latim; as doações mais recentes, entre elas a do Dr. Humberto Soeiro e a do Padre Alberto Azevedo; as duas Bibliotecas, que comportam cerca de 50.000 exemplares; um Museu com material de História Natural e de Físico-Química; cerca de 1200 mapas de todas as áreas, desde o século XIX; sala e material de Geografia; peças antigas de Bordalo Pinheiro; um salão nobre com a presença de todos os reitores que por aqui passaram, um Teatro, também ele com muitas vivências; um sótão; um quadro oferecido por D. Manuel II aquando da sua passagem por esta instituição; um piano; uma quinta; as tílias...

No arquivo residem milhares de nomes que passaram por esta instituição, que aqui viveram uma parte crucial da sua vida, uns tornando-se pessoas conhecidas, outros nem tanto, mas todos sendo muito importantes, tão importantes, que

destas paredes se respira essa vivência de milhares e milhares de alunos, de centenas de professores e funcionários que, ao longo de 180 anos da sua existência, por aqui passaram...

Orgulho-me de pertencer a uma Escola que detém uma história repleta de humanidade e vivência, de determos um espólio que podemos partilhar e de os nossos alunos se tornarem homens e mulheres com felicidade!

A importância de sonhar na inclusão dos alunos e das pessoas, com NEE

Joana Lopes

É através de pessoas que sonham e que acreditam que vale a pena sonhar, que pessoas com Necessidades Educativas Especiais (NEE) têm vindo a ser inseridas e a inserirem-se, na sociedade ao longo dos tempos. Se tem havido alguns progressos, muito se deve à coragem de alguns, à mudança de mentalidades, por parte de outros, e a uma consciencialização, cada vez mais permanente dos mais novos.

Foi precisamente o sonho que permitiu a mudança de paradigma no que diz respeito à inclusão.

O conceito de inclusão pressupõe, segundo Correia (1995, cit. por Correia, 2005) que o aluno com NEE esteja inserido “na classe regular onde, sempre que possível, deve receber todos os serviços educativos adequados, contando-se, para este fim, com um apoio apropriado (...) às suas características e necessidades”.

É fundamental que todos possam ter acesso a um ensino de qualidade, onde se promova o desenvolvimento global do indivíduo, independentemente das suas capacidades e limitações iniciais.

Também nunca poderemos esquecer de que todos são responsáveis pela educação das nossas crianças e jovens, pelo que o empenho de todos é fulcral para o sucesso nas aprendizagens e na integração e, principalmente, na inclusão do indivíduo na sociedade.

Devemos também reconhecer que se deve dar a cada um uma educação que promova, simultaneamente, a felicidade individual e o interesse coletivo.

Foi nos finais do século XX que a escola inclusiva passou a apresentar-se como um novo paradigma de “inclusão total”, em que todos os alunos deveriam ser incluídos nas classes regulares das escolas comuns e, a participação das crianças com NEE deveria efetuar-se, em tempo integral, na turma. É neste sentido que a “Declaração Mundial sobre a Educação para Todos” vem determinar a necessidade de se criarem medidas destinadas a assegurar a igualdade de oportunidades de acesso e sucesso a crianças com NEE específicas no ensino regular.

Assim, o modo como a “diferença” foi sendo encarada no decorrer da história reflete a evolução da própria sociedade, ao longo dos vários séculos, pois diversos foram sendo os valores e as próprias concepções antropológicas que os nortearam.

No que concerne à Educação Especial em Portugal, verificou-se o seu desenvolvimento, aquando da entrada do nosso país, para a atual União Europeia,

em 1986 e, no decorrer da publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) em 14 de outubro do mesmo ano. Segundo Silva (2009), o Decreto-Lei n.º 3/87, de 3 de janeiro, veio estabelecer a regionalização dos serviços do Ministério da Educação e a Reforma do Sistema Educativo, o que se traduziu num acontecimento particularmente importante para se repensar a Educação Especial, já que esta passou a constituir-se como uma modalidade educativa. O oficializar das Equipas de Educação Especial e da escolaridade obrigatória, para todos os alunos, veio reforçar o interesse e motivação, por parte de todos, no processo de integração. Na altura, integrar não pressupunha, ainda, verdadeiramente, incluir, no entanto, era dado o primeiro grande avanço para que todos pudessem aprender em conjunto. Foi, no entanto, o D.L. n.º 319/91, de 23 de agosto, regulamentado, posteriormente, pelo Despacho n.º 173/ME/91, de 23 de outubro, que veio, efetivamente, promover a integração dos alunos com NEE. Neste, introduziu-se o conceito de necessidades educativas especiais, permanentes ou temporárias, que substituiu as categorizações de foro médico até então utilizadas. Responsabilizou-se a escola do ensino regular pela educação de todos os alunos, e atribuiu-se um papel mais explícito aos pais na orientação educativa dos seus filhos. (Silva, 2009).

Assistiu-se, assim, a uma desmistificação da deficiência, saindo esta da esfera do

obsuro e do inexplicável, passando a ser apenas considerada um desvio de ordem biológica, que implica a intervenção de reabilitação e de educação. Abriu-se, deste modo, o caminho à inclusão.

Segundo Correia (2008), “(...) a inclusão baseia-se, portanto, nas necessidades da criança, vista como um todo, e não apenas no seu desempenho académico...”. De acordo com o autor referido, a educação inclusiva rege-se por alguns princípios fundamentais: o primeiro de que todos os alunos são dignos de educação; segundo, todos os alunos tenham NEE ou não, são capazes de aprender e de contribuir para a sociedade; em terceiro, todos os alunos devem ter igual acesso aos meios educativos que lhes permitam ter sucesso na aprendizagem; segue-se que os alunos com NEE devem ter direito a serviços especializados e às adaptações necessárias das práticas pedagógicas, incluindo um currículo flexível e multifacetado; todos os alunos com NEE devem participar em todas as atividades escolares e extraescolares e, ainda, se considera fundamental que os alunos aprendam a encarar a diferença como algo naturalmente constitutivo do ser humano, pois só sabendo olhar de maneira sensata para a diferença se poderá relacionar todo este processo.

Posteriormente, a Conferência Mundial da Unesco de 1994 (Salamanca) vem consagrar a expressão “escolas inclusivas” com o objetivo de caracterizar esta perspetiva emergente e promover a “Educação para todos”.

As escolas serão inclusivas, de acordo com Ainscow (2000, cit. por Sanches & Teodoro, 2006), se forem capazes de criar novas situações de aprendizagem, identificar os impedimentos à participação de todos, utilizar os recursos disponíveis e gerar outros, usar uma linguagem acessível e ter a coragem de correr riscos.

Neste enquadramento, os documentos estruturantes da escola (projeto educativo, projeto curricular de escola e regulamento interno) devem plasmar as políticas educativas de inclusão/ Educação Especial, recursos, estratégias pedagógicas, atividades adequadas, referência a protocolos de cooperação com as respetivas comunidades e Planos Individuais de Transição (PIT) para a vida pós-escolar, contribuindo para a sua inserção no mercado de trabalho e na sociedade.

Ao mesmo tempo, pretende-se que garantam o desenvolvimento do potencial de cada aluno, de modo a sustentar práticas colaborativas, reflexivas e efetivas de uma verdadeira inclusão, caminhando no trilho de uma Escola para todos e de uma cultura de escola aberta à diferença e à diversidade, numa perspetiva de enriquecimento e partilha de boas práticas, rumo à construção de uma escola de melhor qualidade e, conseqüentemente, em que se promova a inclusão do deficiente na sociedade.

Considera-se que a Declaração de Salamanca (1994) representa a evidência

de uma educação que atende às diferenças individuais e aposta numa escola equitativa e na igualdade de oportunidades e que o Decreto-lei n.º 3/2008, de 07 de janeiro, consubstancia as diretrizes de atuação no sentido de promover a igualdade de oportunidades, valorizar a educação e promover a melhoria da qualidade do ensino, a promoção de uma escola democrática e inclusiva, orientada para o acesso e sucesso educativo de todas as crianças e jovens.

Em diferentes momentos da vida e em diferentes contextos, todos nós apresentamos diferentes necessidades, tendo por base a forma como vivenciamos, aprendemos, experimentamos e sentimos.

Talvez por isso, a educação especial tem vindo a alcançar um espaço preponderante na sociedade, notando-se, nos dias de hoje, um maior interesse por parte de todos os intervenientes na educação das nossas crianças e jovens com NEE, nomeadamente professores, pais, alunos, assistentes operacionais e restante comunidade educativa.

Se até ao século passado, as crianças e jovens com NEE eram vistas como algo de sobrenatural, que deveriam ser bem ocultadas/escondidas (Bautista, 1997), a preocupação de hoje, surge no sentido da inclusão destas mesmas, nos estabelecimentos de ensino regular, com currículos adaptados. (Correia, 1997).

Felizmente, cada vez mais se tende a

olhar para a criança ou jovem com NEE, como alguém capaz, que desde que lhe seja dada a mesma oportunidade, é útil à nossa sociedade. Neste sentido, cresce a importância de tornar as crianças e jovens com NEE mais independentes e autónomos, no sentido de melhorarem a sua qualidade de vida, o bem-estar físico, psíquico e social.

De acordo com Magalhães (2006), em referência ao pensamento de Lenine, “não existindo igualdade em matéria de educação, não poderia haver igualdade autêntica nem verdadeira democracia.”. Assim sendo, para que haja igualdade de oportunidades, temos que ter bem ciente a necessidade de fornecer a todos os nossos alunos os meios necessários para que todos possam atingir o mesmo fim. Todavia, não devemos, no entanto, esquecer que existem outros fatores que influenciam esta igualdade de oportunidade, nomeadamente, o ambiente em que as crianças crescem, o seu meio socioeconómico e a envolvimento familiar. Estes fatores poderão ser, potencialmente, discriminatórios. Isso mesmo nos reforça, a Constituição Portuguesa, ao estabelecer, no artigo n.º 74, que “O ensino deve contribuir para a superação de desigualdades económicas, sociais e culturais.”

Para que todos tenham acesso às mesmas oportunidades defendo assim, como a maioria dos investigadores, que deve haver articulação entre os vários intervenientes no processo educativo, com o intuito de

se cruzarem experiências e perspetivas, no sentido de enriquecer as estratégias a adotar. Também é necessário ter consciência de que não existe um único método correto, que não há materiais mais adequados para uma determinada deficiência e patologia, que os alunos provêm de um contexto sociocultural que não pode ser ignorado e que cada pessoa é um ser humano com características únicas e individuais. Os próprios agentes do processo educativo devem refletir sobre as suas práticas e estar disponíveis para se autocriticarem no sentido de evoluírem enquanto seres humanos e profissionais.

A educação inclusiva congrega os esforços de todos na construção de um outro olhar sobre a diferença e encara-a não numa perspetiva exterior à comunidade escolar, mas como sendo ela própria a comunidade, na plenitude da diversidade que a caracteriza, à semelhança de outras comunidades maiores, a que pode e deve preceder na inclusão de todas as pessoas, sem qualquer tipo de exceção.

A Escola demorou, mas acabou finalmente por assumir, pelo menos no plano formal, aquilo a que se propôs desde o início do século XX - ser promotora de Igualdade de Oportunidades.

É na Escola que se aprende a lidar com a “diferença”; é nesta que se assimila a importância de não excluir e, de incluir; é através desta que se lançam sementes nos filhos, para pais e avós; é através

desta que a pessoa com deficiência aprende as bases para quando for adulto se sentir, plenamente, incluída na sociedade; é através do que se aprende nesta que se deixa de apontar o dedo quando se vai na rua e se vê uma pessoa com deficiência; que se deixa de dizer e pensar “coitadinho” quando se vê uma pessoa com deficiência; que se aprende a não estacionar nos locais indevidos e proibidos (passeios, passeadeiras, paragens de autocarro, estacionamento para deficientes - Decreto-Lei n.º 114/94, de 3 de maio, na redação dada, pelo Decreto-Lei n.º 72/2013, de 3 de setembro; Aqui ainda há muito a melhorar!...; é através desta, que nos habituamos a ver a trabalhar pessoas com deficiência e começamos a considerar normal; é através da Escola que sonhamos um mundo melhor, para cada aluno e adulto, com ou sem NEE!

É na Escola, em colaboração com a Família, que se semeiam o presente e o futuro e, que se constroem os Homens de hoje e de amanhã.

Referências Bibliográficas

- Bautista, R. (org.) (1997). *Necessidades Educativas Especiais*. Coleção Saber Mais. Lisboa: Dinalivro.
- Correia, L. (1997). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas classes regulares*. Porto: Porto Editora.
- Correia, L. (2005). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais: Um guia para educadores e professores*. Porto: Porto Editora.
- Correia, L. (2008). *A Escola Contemporânea e a Inclusão de Alunos com NEE – Considerações para uma educação de sucesso*. Porto: Porto Editora.
- Decreto-lei n.º 319/91 de 23 de agosto. *Diário da República n.º 193 - 1.ª Série A*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Decreto-lei n.º 3/2008 de 7 de janeiro. *Diário da República n.º 4 - 1.ª Série*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Despacho n. 173/ME/91 de 23 de outubro. *Diário da República n.º 244. 1.ª Série B*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Lei Constitucional n.º 1/2005 de 12 de Agosto (Sétima Revisão Constitucional). Constituição da República Portuguesa. *Diário da República n.º 155, I Série - A*. Assembleia da República: Lisboa.
- Magalhães, C. (2006). Direito à Educação. *Revista Lusófona de Educação, 8*, pp.167-181.
- Sanches, I. & Teodoro, A. (2006). Da integração à inclusão escolar: cruzando perspetivas e conceitos. *Revista Lusófona de Educação, 8*, pp. 63-83.
- Silva, M. O. E. (2009). Da Exclusão à Inclusão: Concepções e Práticas, *Revista Lusófona de Educação, 13*, pp. 135-153.
- Silva, R. (2011). *Curso Básico de Grafia Braille para a Língua Portuguesa Manual de Apoio do Módulo de Grafia Braille*. Braga: ACAPO.
- UNESCO, (1994). Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e Prática em Educação Especial. *Conferência Mundial de Educação Especial*. Salamanca.

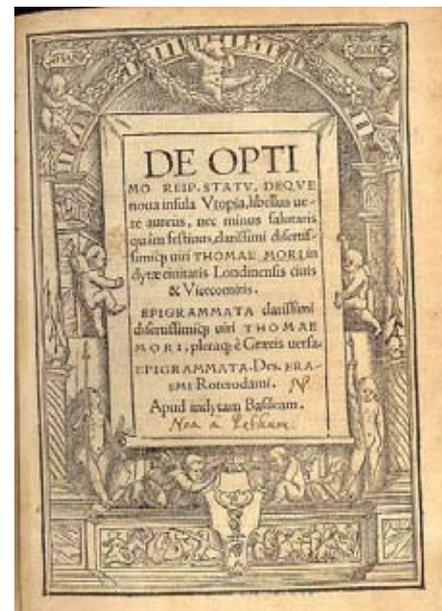
Utopia ou um mundo às avessas

José Carlos Santos

O ano de 2016 ficou marcado, no domínio do pensamento humanista, pelas comemorações dos quinhentos anos da publicação da célebre obra de Thomas More (ou Morus) “Utopia”, uma das referências bibliográficas mais fascinantes, enquanto proposta alternativa de organização da sociedade.

É óbvio, que esta narrativa está longe da “realpolitik” muito em voga no século XX, ou mesmo deste jogo de espelhos que se desenrola no início do século XXI. Face a isto, o que torna esta obra intemporal e repleta de interesse, num mundo onde hoje tudo parece ser o que não é e onde as aparências, nomeadamente as aparências virtuais, são tomadas com uma refinada densidade? De que nos fala a Utopia?

Trata-se, antes de tudo, de uma obra em torno de um ideal utópico (relembremos que a definição de utopia no grego original é o que não tem lugar, mas nada impede que um dia venha a ter lugar), muito na senda da República de Platão ou da Cidade de Deus de Santo Agostinho, só para falar em nobres antecedentes. Utopia é uma ilha, num sem lugar, ou seja, algures num mundo



Utopia, edição de 1516

novo, ainda superficialmente explorado no século XVI, e que curiosamente nos é narrado na obra, pela personagem Rafael Hitlodeu, um português culto, versado em latim e grego, aventureiro dos sete mares, com uma paixão desmedida pelo conhecimento do mundo, tendo desde muito jovem abandonado família e fortuna para enveredar nesta aventura. É assim, esta personagem ficcionada, que narra a Thomas More, num encontro em Brugges, as virtudes de uma ilha que conheceu, afirmando perentoriamente que a Utopia foi de longe a melhor e mais sagaz sociedade que conheceu.

Na verdade, na Utopia tudo é diferente das sociedades estabelecidas no continente europeu, quer nessa época, quer nos dias de hoje. No livro primeiro, Rafael Hitlodeu (alter ego de Thomas More) apresenta sérias críticas à sociedade ocidental do seu tempo, no domínio da educação, da economia, da política, da justiça e mesmo da religião. No livro segundo, surge a explanação da sociedade dos utopianos, a sociedade perfeita. Em primeiro lugar, a revolução operada pelos utopianos é descrita com sólidos argumentos pelo nosso anfitrião de aventura: na Utopia todos os bens são comuns, ou seja não há lugar à propriedade privada, mãe de todas as injustiças e da ausência de prosperidade social. Para Moros, é claro que a felicidade coletiva só é possível com a abolição da propriedade privada. Segundo o autor, nas sociedades onde a propriedade privada

domina, a fortuna pública é dominada por um punhado de indivíduos insaciáveis, enquanto a maioria é devorada pela miséria.

O autor não se cansa de elogiar a sabedoria e a humanidade dos utopianos já que as leis são em pequeno número e também porque a administração difunde os seus benefícios por todos os cidadãos. O mérito é lá compensado e a riqueza nacional encontra-se repartida de uma forma igualitária, o que leva que todos os indivíduos gozem com abundância de todos os confortos da vida. Na ilha da Utopia o terreno é atribuído a cada uma das suas cidades para cultura. Os agricultores sentem-se mais rendeiros do que proprietários do solo, pois não há propriedade privada. Há nos campos, casas bem construídas e cómodas. Para anular a ideia de propriedade, os utopianos mudam de casa de dez em dez anos, tirando à sorte aquela que lhes cabe. Os habitantes das cidades cuidam com paixão dos seus jardins, onde cultivam a vinha, árvores frutíferas e toda a espécie de plantas.

No que respeita à administração da polis, trinta famílias elegem todos os anos um magistrado (filarca ou sifogrante). Todos estes obedecem a um protofilarca. Os sifograntes escolhem o cidadão mais apto por escrutínio secreto, e proclamam um príncipe vitalício, a menos que se suspeite de que o príncipe aspira à tirania. Todas estas instituições previnem que

o príncipe e os protofilarcas conspirarem contra a liberdade e oprimam o povo com leis tirânicas. As questões de relevo e importância são discutidos em assembleia popular, e os sifograntes, depois de aturada discussão deliberam e transmitem ao senado (constituído pelos representantes do povo) a vontade do povo.

Todos os utopianos se dedicam à agricultura (com exceção dos sifograntes e protofilarcas, dos jovens dedicados às ciências e às letras, bem como os embaixadores, os sacerdotes e o príncipe) e as crianças aprendem os afazeres da agricultura, na teoria, nas escolas e praticam a arte nos campos vizinhos da cidade. Além da agricultura, todos devem aprender um ofício (tecer o linho ou lã, pedreiros ou oleiros, outros trabalham a madeira ou os metais). A conservação de edifícios ocupa uma boa parte dos trabalhos dos utopianos, conservando o deteriorado e prevendo deteriorações futuras. Quando o trabalho rareia, um decreto autoriza a diminuição de horas de trabalho. A brilhante novidade é que o trabalho reduz-se a poucas horas, deixando assim, as instituições sociais da Utopia a cada cidadão o maior tempo possível para cultivar o espírito e desenvolver as capacidades intelectuais, pelo estudo das ciências e da arte, no fundo aquilo a que Thomas More apelida, com propriedade de Felicidade.

Na Utopia não há lugar para a ociosidade e a preguiça. Não há tabernas, nem



Figura da ilha da Utopia, edição de 1516

prostíbulos, nem outros lugares de libertinagem. A miséria e a mendicidade são quimeras, pois todos vivem num assinalável bem estar. Nesta sociedade não se usa moeda, embora ela exista apenas para transações com o exterior ou para situações críticas, nomeadamente para contratar exércitos de mercenários para combater no lugar dos Utopianos. De resto, a prata e o ouro não tem mais valor que o ferro ou outro metal irrelevante.

O povo Utopiano vive para ser feliz, conforme à natureza, obtendo as mesmas vantagens para si como para os seus semelhantes encarados como nossos irmãos, numa nítida influência do epicurismo. Mantêm e cultivam a beleza e a agilidade do corpo, nunca esquecendo o desenvolvimento do espírito, apreciando a ociosidade e o engenho no trabalho.

Na Utopia encontrámos, ainda, como filho do seu tempo, a existência da escravidão, descrita como aplicada aos prisioneiros de guerra apanhados de armas na mão, aos cidadãos acusados de grandes crimes, nomeadamente os estrangeiros condenados à morte, adquiridos a baixo preço no exterior da ilha. Para os Utopianos, o recurso à escravidão para crimes maiores é frequente, pois consideram que esta é preferível à pena de morte, pois é mais vantajosa para o Estado. A pena de morte é utilizada para um parco número de crimes, embora exista um enorme esforço desta comunidade em praticar a virtude

por meio de honras e recompensas. Como as leis são em reduzido número, simples e claras, não são necessários advogados. As leis são promulgadas com a conveniência de todos estarem informados dos seus direitos e deveres.

A poligamia é severamente proscrita e o casamento só se dissolve pela morte, exceto nos casos de adultério ou de um temperamento insuportável.

Os utopianos detestam a guerra que consideram brutal e selvagem, consideram mesmo que não há qualquer glória nos campos de batalha. Só recorrem à guerra para defender as suas fronteiras para responder a uma invasão inimiga, ao seu território e ao território dos seus aliados ou para combater um tirano. O recurso a mercenários, a promoção do desentendimento entre o povo agressor, ou a utilização de generosas recompensas pela captura do rei inimigo ou dos seus ministros, é uma das constantes do desenrolar da contenda.

No que concerne à religião, a maior parte dos utopianos reconhece um único Deus, eterno e imenso, a quem chamam Pai e atribuem a origem, o progresso e o fim de tudo o que existe. Admitem todas as religiões e não proibem o proselitismo, mas castigam com exílio ou escravidão os intolerantes e os fanáticos. Desprezam os materialistas, embora não os condenem a qualquer castigo, mas vedam-lhes o acesso a cargos relevantes. A educação das crianças e dos jovens é confiada aos

sacerdotes que assim recebem o ensino da moral e da virtude, através do estudo das ciências e das letras.

A Utopia é o lugar da realização das capacidades humanas, numa sociedade que promove a igualdade, desprezando a mentira, a dissimulação e a vida fútil. A avareza, tão em voga, ontem como hoje, não tem lugar pois o dinheiro para nada serve, daí não existirem os males que grassam no mundo, como o roubo, a fraude, os assassínios ou as traições.

Em suma, uma obra com notória presença na História da Humanidade, de um autor notável, um “Homem para todas as estações”^{*} e para a eternidade.

^{*} Título do filme de Fred Zinnemann, 1966

Baloço que me levavas num voo

Carla Machado

Baloço que me levavas num voo
Pra cá e pra lá
Pra lá e pra cá,
Num sonho de menina
Que ria e cantava,
Cantava e ria
E sonhava...

Sonhava que rasgava os ares
Num voo de borboleta colorida
Subindo, descendo...
Poisando suavemente
Em pétalas de flores,
Vivas e brilhantes
De fragrância fecunda.

E eu subia e descia,
Rindo e cantando,
Poisando nas flores
Num bailado feliz...
Pequenino, o baloço foi ficando,
Pequenino, pequenino...
Os meus pés já não rasgam os ares
Sem tocarem o chão,
Mas eu subo e deço,
E rio e canto
e encanto-me sempre que te vejo,
querido baloço
do meu sonho de menina....



Ilustração de Bailão Lopes

Imagens que fazem sonhar

A ilustração no livro infantil

Suzana Rafaela Leite

Todos já lemos, ouvimos e contámos histórias e ao folhearmos, despreocupadamente, um livro para crianças deparamo-nos com um travão muito eficaz - as ilustrações. Estas prendem o nosso olhar e ficam retidas na nossa memória, ora são as cores, os traços, as manchas, as texturas; ora são as personagens, os cenários, ou o enredo que nos fazem viajar no tempo, nas memórias e criar outras histórias, enfim, que nos fazem sonhar.

O livro infantil é permeado por imagem e ela é a sua componente fundamental. Atualmente, a arte de ilustrar livros infantis recebe cada vez mais atenção e valorização e não há dúvida alguma de que se trata de um mundo profundo, imagético e inovador, mas ao longo dos tempos ela não apresentou o destaque que hoje em dia lhe é atribuído.

Breve contextualização histórica da ilustração no livro infantil

Apesar de a arte de ilustrar especificamente para crianças ser bastante recente, historiadores e investigadores na área (Salisbury, 2005; Traça, 1992, Araújo

2008 e Ramos, 2007) referem uma série de momentos chave na sua história.

Ao contextualizar historicamente a ilustração infantil, não se pode deixar de fazer referência à Literatura de Cordel, que se tratavam de contos/relatos populares de origem oral que posteriormente passaram a ser impressos em folhetos de pequenas dimensões, chamados também de folhas volantes. As suas impressões recorriam bastante à ilustração e visavam o público em geral e não sendo expressamente para crianças, tinham muito sucesso entre elas.

As ilustrações dos famosos folhetos de cordel europeus dos séculos XVII e XVIII, que eram de carácter tosco e expressivo, na maioria dos casos pouco ou nada tinham a ver com o texto.

As primeiras publicações de livros aparecem no século XV, porém é somente no século XVIII que surgem os livros especificamente voltados para a criança. Até por volta do século XVII, a Literatura Infantil confunde-se com a Literatura Popular, “e o que ouvem e lêem os adultos, ouvem e lêem as crianças, porque a noção da individualidade da criança não existia” (Araújo, 2008: 82). O primeiro protótipo europeu do livro infantil ilustrado foi *Kunst und Lehrbuchlein*, obra publicada em Frankfurt, em 1580, e apresentado como “(...) un libro de arte e instrucción para los jóvenes, en el que se podrá descubrir toda a suerte de graciosos y amenos dibujos” (Salisbury, 2005: 7).



Figura 1
Folhetos de cordel europeus dos séculos XVII e XVIII.
Livros de impressão rudimentar comercializados por vendedores ambulantes



Figura 2
Ilustração do livro *Kunst und Lehrbuchlein*,
publicado em 1580.
Gravura de Jost Amman.

A obra *Orbis Sensualium Pictus*, publicada em 1658, do autor Johan Amos Comenius, um eclesiástico, com uma visão futurista ampla, é o segundo exemplo de literatura direcionada especificamente para a infância. Esta obra de caráter pedagógico e didático foi considerada inovadora, uma vez que tanto o texto como as imagens comunicavam saberes equitativos. O seu autor tinha ideias muito claras e inovadoras de como fazer com que o processo de aprendizagem fosse mais atrativo para as crianças, “(...) la intención de su libro era hacer menos tedioso el estudio del latín” (Salisbury, 2005: 8). A obra de Comenius revolucionou a pedagogia, pela novidade que trouxe, tendo grande influência na Literatura Infantil.

A literatura, nos primórdios da sociedade, era produzida tanto para adultos como para crianças. Não se concebiam os estados de evolução do ser humano como atualmente e a criança não era vista da forma como a vemos agora, não era reconhecida na sociedade como criança, mas sim como um adulto em ponto pequeno. A infância ainda não detinha um estatuto próprio, a cultura literária das crianças era transmitida pela voz dos contadores e tratava-se quase sempre de Literatura Popular e de divertimento. Os raros jovens de então que sabiam ler, dispunham de obras didáticas orientadas para o conhecimento e a formação moral e religiosa (Traça, 1992: 80).

A Literatura Infantil tem o seu ponto

de partida sob o aspeto de consagração universal na França, no século XVII, com a publicação das Fábulas de Jean de La Fontaine, os Contos de Charles Perrault, os Contos de Fadas de Mme. d’Aulnoy que atualmente são vistos como um género associado ao infantil, mas que haviam sido publicados visando o público em geral, segundo alguns estudiosos.

Mas é no século XVIII em Inglaterra, que se começa a escrever sistematicamente livros para as crianças. Neste período, segundo Oliveira (2008: 14):

A ilustração de livros para crianças e jovens começa a estabelecer códigos - e até mesmo convenções em sua linguagem verbal - que permanecem até hoje. Vale ressaltar que, naquele século, outros países já realizavam publicações de livros infantis, porém o livro como objeto de arte, como brinquedo e entretenimento, além de veículo de valores morais e educacionais da época, era consequência estrutural direta da revolução Industrial pela qual passava a Inglaterra.

Considerando a expansão da industrialização e comércio neste período da história, o livro infantil surge como um produto, pensando-se num consumo. Foi o surgimento de uma nova classe de trabalhadores assalariados, que exigiria uma oferta maior de revistas, jornais, livros e publicações próprias para os seus filhos, que levou à grande revolução das publicações infantis, por isso mesmo esta época é considerada pelos estudiosos (Oliveira, 2008; Traça, 1992; Salisbury, 2005) como a

idade de ouro da Literatura Infantil.

Um outro aspeto importante que convém realçar é o facto da criança, nesta época, passar a ser considerada na sociedade, como possuidora de particularidades e necessidades inerentes à sua própria fase de vida. A criança passa a assumir um papel específico na própria sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados como o brinquedo, objetos culturais, como o livro e mesmo outros ramos da ciência como a psicologia infantil e a pedagogia.

Destacam-se neste século as publicações dos irmãos Grimm, que surgem na Alemanha, tratando-se de adaptações de histórias folclóricas populares.

Os temas repetem-se e conquistam as escolhas dos leitores, as histórias fantásticas, como *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carrol tornam-se um género literário.

O verdadeiro auge da ilustração infantil aconteceu a partir do século XIX, com o aparecimento da litografia. Este processo desencadeou o aparecimento de livros a cores, algo que até ali só era possível com a pintura manual de cada gravura. Ao verificar-se o atrativo comercial da ilustração, os livros infantis proliferaram, ficando conhecidos como os *Toy Books* (Salisbury, 2005:10).

Em meados do século apareceram artistas considerados importantes. Um deles foi Edward Lear, editou *Book of Nonsense*, em 1846, que se destacou pelos seus desenhos «absurdos», que nada tinham a

ver com as outras suas obras, nem com as dos seus contemporâneos. Outras figuras foram Walter Crane, Randolph Caldecott e Kate Greenaway. Várias gerações cresceram com a inocência das ilustrações de Kate Greenaway, cujas personagens femininas surgiam com lindos vestidos e laços.



Figura 3
O Cavalinho de Pau, ilustração de Kate Greenaway.

A obra de Caldecott não pode de forma alguma deixar de ser focada, uma vez que ele é considerado o pai do livro-álbum moderno, foi dos primeiros artistas a analisar e a experimentar seriamente a relação entre texto e imagem, como salienta Salisbury (2005:11), “La influencia de Caldecott en el desarrollo de la ilustración de libros infantiles fue enorme. Además de ser un grande dibujante, aportó un enfoque nuevo y más sofisticado a la relación entre imagen y el texto.”

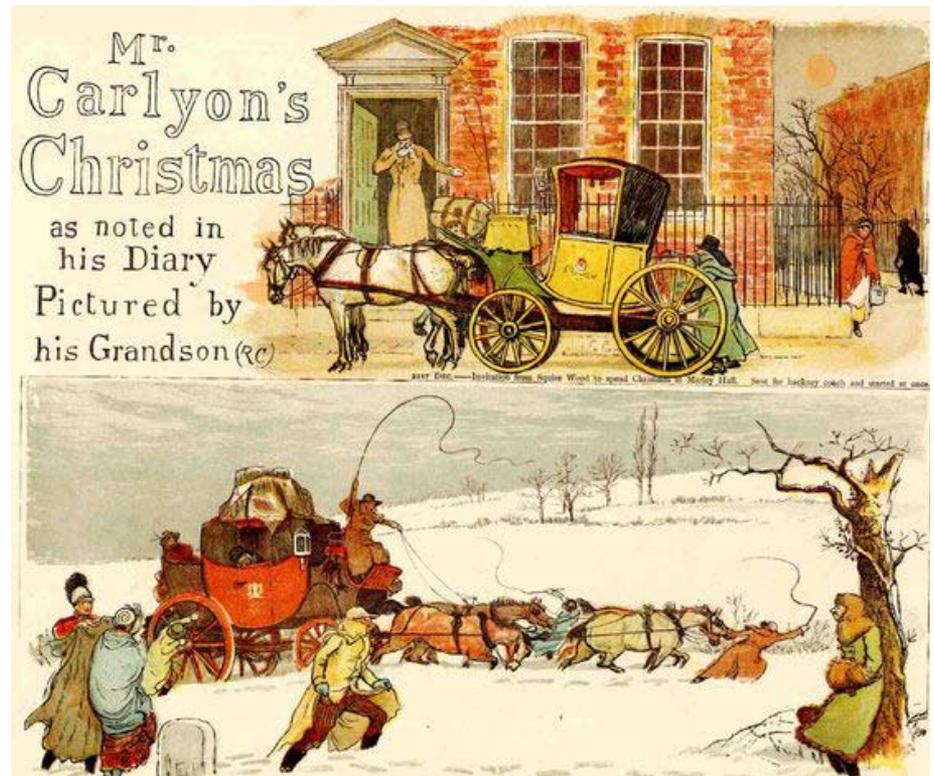


Figura 4
Mr. Carlyon's Christmas.
Livro Ilustrado de Caldecott.

No final do século, os efeitos da impressão cromo-litográfica começaram a ser substituídos por um novo processo, o da impressão a quatro cores. O novo século trouxe outra tecnologia de impressão que fomentou o auge da aguarela com os seus efeitos. Durante uma época determinada, o «gift book», com todo o seu colorido, foi moeda corrente e nomes como Arthur Rackham, Edmund Dulac e Beatrix Potter figuram neste período.

À medida que o século avançava, o domínio inglês sobre a ilustração começou a ver-se ameaçado pelos Estados Unidos. A influência de Pyle na ilustração norte americana fez aparecer vários artistas, com forte personalidade e de formação cultural diversa. É o caso do artista Ludwing Bemelmans, cuja ilustração aparecia algo tosca e infantil, mas sempre encantadora (Salisbury, 2005: 12). Ao mesmo tempo, também na Europa de Leste nasciam novas e vigorosas tradições. Os magníficos livros infantis construtivistas do artista russo El Lissitzki são considerados verdadeiras obras de arte, de pleno direito, assim como artefatos esplêndidos, com “[...] desenhos inflexivelmente abstratos e com mensagens politicamente corretas” (Salisbury, 2005: 13).

Durante as décadas de cinquenta e sessenta esteve em voga um estilo mais expressivo e pictórico, graças ao progresso da tecnologia da impressão. Destacam-se especialmente a obra de Brian Wildsmith e Charles Keeping, como também a

fascinante aparição das colagens de Eric Carl, com as suas vibrantes cores e ainda as fantásticas ilustrações de animais, barcos e cidades de Richard Scarry, que acompanhou várias gerações de crianças com a sua fórmula acertada de explicação visual dos mecanismos da vida quotidiana. Para completar este panorama da ilustração, não se pode deixar de citar os livros de Maurice Sendak, que são obras de grande profundidade.

A Literatura Infantil do século XX distancia-se da dos séculos anteriores, não só pelas possibilidades agora alcançadas com as técnicas de impressão, mas também com a chegada dos avanços tecnológicos e ainda da exigência de um novo público. Neste sentido, Maria Montessori, (cit. in Araújo, 2008: 101) sublinha que:

O século XX é o século da infância, e esta vai-se apresentando cada vez mais, como um estado em que é preciso investir para que o eu da criança caminhe sozinho e progressivamente para um futuro que seja seu, programado por si e não pelos adultos.

Numa maior escala, parece correcto afirmar que a ilustração serviu para registar as obras e proezas do ser humano, interpretando-as de uma forma que não havia sido possível antes da invenção da fotografia.

A importância da imagem no livro infantil

A importância da imagem tem vindo a ser construída ao longo das últimas décadas com a evolução gráfica do sector; a tecnologia veio e vem dando suporte a esta evolução. “(...) Dos tipos móveis de Gutenberg, passando pela linotipia, rotogravura, silk-screen, off-set e impressão digital, o homem foi inventando e descobrindo maneiras de aumentar e diferenciar a produção dos seus escritos e documentos, e consequentemente a produção dos livros” (Lins, 2004: p. 21). Se manusearmos alguns livros antigos, observamos que muitos deles traziam dez a quinze ilustrações numa obra com cerca de duzentas páginas. Hoje, isto é totalmente inconcebível. A imagem, actualmente, ocupa um lugar de destaque nas publicações infanto-juvenis actuando decisivamente na captação da atenção e interesse do leitor. Neste mundo repleto de imagens, o livro infantil mantém o papel de estimular a criança, levando-a a criar, a imaginar e a sonhar. Fruto da imaginação e dos sonhos pode levar a criança/leitor, através da imagem, a caracterizar as personagens, dando-lhes personalidades diferentes, outras idades e figurinos, colocando-os em épocas e locais também diferentes; a descrever os espaços dando-lhes um intimismo próprio e específico. Descreve também, muitas vezes, as ações das próprias personagens.

O livro infantil é rico em imagens; “a

imagem faz parte da história e ajuda a contar essa mesma história. A imagem não está no livro apenas para o decorar e para este ficar «bonito», ela não é uma mera figuração, mas sim uma linguagem. Por meio dela, a criança interpreta a história e pode até mesmo alcançar outras visões dessa mesma história. A imagem complementa e enriquece a história, a ponto de cada parte de uma imagem poder gerar outras histórias” (Leite, 2010: 30). Um dos objetivos da ilustração é isso mesmo, é levar o leitor para além do que diz o texto escrito e criar novas possibilidades de leitura, novos mundos e sonhos.

Ao abrir um livro, a primeira coisa que uma criança faz é olhar as suas imagens. Ao olhar atentamente para elas a criança faz uma pré-leitura da história. Fica surpreendida quando as imagens saltam em relevo ou em construções caprichosas, como nos livros com origami ou com pop-ups. Outras vezes espanta-se com a sequência de imagens que, sem palavras, contam uma história. Guto Lins categoriza e identifica o livro infantil como sendo um livro-objeto, no qual a imagem, a mancha gráfica e o texto devem funcionar como um todo, potencializando o livro como um veículo de comunicação com características particulares e únicas.

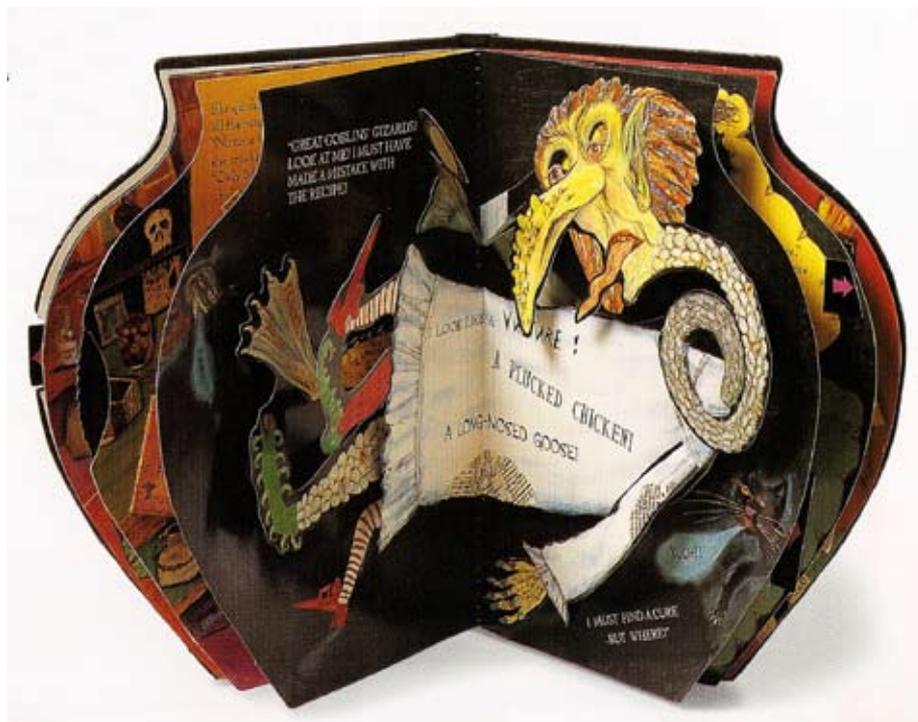


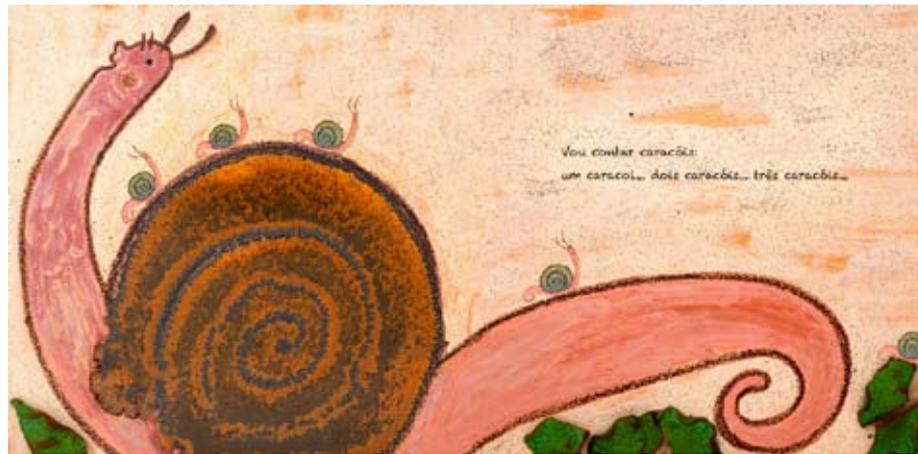
Figura 5
Livro *Witch Zelda's Beauty Potion*, ilustrado por Eva Tatcheva.

Figura 6 (página seguinte)
Livro *E tu, Gostas de histórias?*, ilustrado por Suzana Leite.

A imagem raramente desempenha uma única função, as funções organizam-se em relação a uma função dominante como acontece com a linguagem verbal. Esta função predominante, destaca-se das demais e dá à ilustração certas características específicas. Ana Ramos (Ramos, 2007) sustenta que a ilustração pode ter várias funções, destacando a função de complementar, aprofundar e substituir o texto; ela resulta de um processo de aproximação e recriação desse mesmo texto, organizando a sua apresentação e doseando a quantidade de informação em cada momento. A autora refere ainda que (Ramos, 2007: p.13):

Funcionando como uma espécie de mapa para a descoberta do tesouro – que é o sentido – a ilustração fornece pistas, mais ou menos claras, de leitura, pisca o olho ao leitor, jogando com ele uma espécie de jogo de revela/esconde e pondo à prova as suas capacidades (e também as nossas enquanto mediadores adultos).

A função da imagem no conto infantil cumpre ainda “o papel de formadora, criando um universo imagético aberto, passível de identificação por parte do seu público-alvo. A ilustração contextualiza ainda a narrativa verbal, captando e mostrando partes do mundo que nos rodeia, enriquecendo a memória visual do seu observador. A criança pode assim reconhecer os modelos culturais que suportam a narrativa. A ilustração favorece a educação estética do leitor, estimulando também a sua capacidade criativa” (Leite, 2010: 33).



A definição de ilustração tem vindo a ser pensada e é muito mais que o mero acompanhamento do texto verbal. Ela é, também, um texto, no sentido que produz significações. A ilustração complementa, elucida, aprofunda e até substitui o texto verbal. Fala-se aqui da narrativa visual, onde a ilustração tem a função de “contar”, é capaz de dizer aquilo que por vezes o texto não diz, fazendo o leitor interpretar significados que lhe permitem sonhar. A ilustração tende a compor com o texto um sistema de imbricações recíprocas na construção da narrativa verbo-visual. Esta relação «íntima» entre texto e imagem, destaca-se pela cumplicidade que gera entre estes dois códigos. Assim, o livro infantil funciona como um todo, tornando-se um veículo de comunicação com características muito específicas favorecendo a educação estética do leitor e estimulando também a sua capacidade criativa.

Referências Bibliográficas

- Araújo, Manuel A. T. (2008). A emancipação da literatura infantil, Porto, Prémio revelação na modalidade de ensaio, Campo das Letras Editores.
- Leite, Susana R. F. (2010): Ilustração Infantil Editorial, Conceção do álbum ilustrado Estou farta de histórias. Memória de Projeto apresentada à Escola Superior Artística do Porto para obtenção do grau de Mestre em Ilustração, Guimarães.
- Lins, Guto (2004): Livro Infantil? Projeto Gráfico, metodologia, subjetividade, São Paulo, 2ª ed., Edições Rosari.
- Oliveira, Ieda (2008). O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador. São Paulo, Editora Difusão Cultural do Livro.
- Ramos, Ana M. (2007). Livros de Palmo e Meio – Reflexões sobre Literatura para a Infância, Lisboa, Estudos de Literatura Portuguesa, Editorial Caminho.
- Salisbury, Martin (2005). Ilustración de Libros Infantiles. Barcelona, Editorial Acanto.
- Traça, Maria E. (1992). O fio da memória: do conto popular ao conto para crianças. Porto, Porto Editora.

